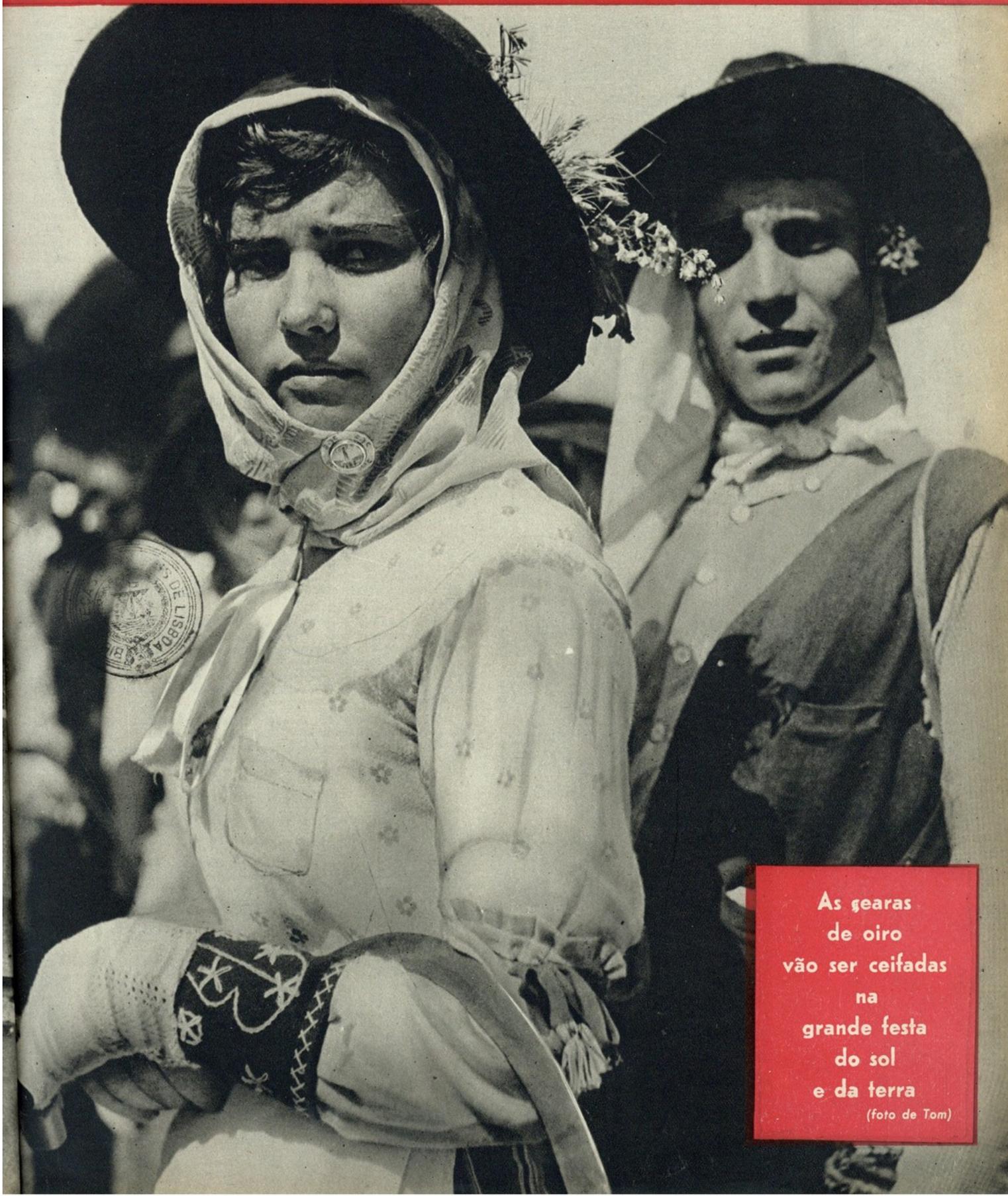


464

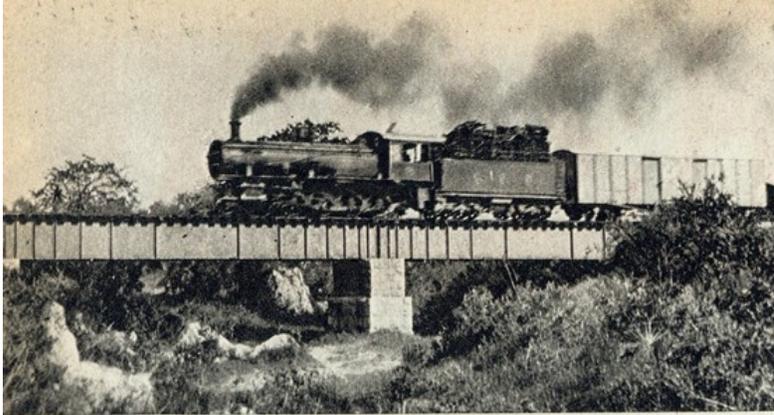
MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
AGO. 1941

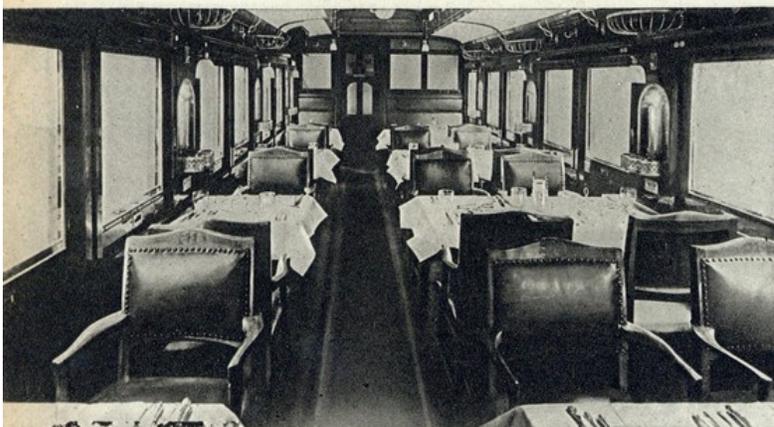


As gearas
de ouro
vão ser ceifadas
na
grande festa
do sol
e da terra

(foto de Tom)



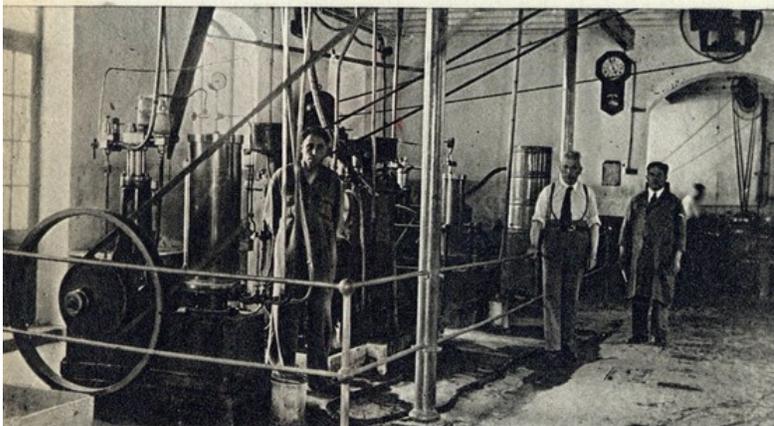
Uma obra de arte — a ponte sobre o Catengue



O interior de um vagon-restaurante



Um gabinete com lambris e sobrado de mosaicos Robinson



Um grupo de máquinas em plena laboração

Actividades Britânicas em Portugal

NA PROVINCIA DE ANGOLA

A Companhia do Caminho de Ferro de Benguela constitue o mais importante organismo de transportes terrestres de todo o nosso Império Colonial tendo sido fundada por súbditos britânicos, por concessão outorgada a Robert Williams, pelo Ministro da Monarquia Teixeira de Sousa, para tal expressamente autorizado pelas Côrtes, conforme o Decreto de 28 de Novembro de 1902, e depois de largos debates que então aproximaram os meios políticos, tendo-se encarregado o futuro de confirmar os lisongeiros vaticínios com que este estadista justificava a sua iniciativa.

A linha férrea tem a extensão de 1.347 quilómetros, do Lobito à fronteira leste de Angola (Luau), onde entronca com o Caminho de Ferro do Congo Belga, e, por intermédio d'este, com os da Rhodesia, África do Sul e Moçambique, ficando assim ligados, por via férrea, os portos portugueses do Lobito e Benguela, da nossa África Ocidental, com os da Beira e Lourenço Marques, da África Oriental.

Com uma linha construída segundo os mais perfeitos processos técnicos, e um material circulante que nada tem a invejar aos melhores da Europa, o Caminho de Ferro de Benguela tem desempenhado um papel primordial no desenvolvimento económico de uma das nossas mais importantes Províncias Ultramarinas, ampliado ainda pela iniciativa desta Companhia iniciando na sua zona de influência em Angola, uma experiência de colonização procurando fixar na Colónia as famílias de homens que pelo seu esforço e trabalho ali possam viver.

Foi em 1935 que se iniciou esta tentativa que de ano a ano vai sofrendo as modificações que a experiência tem aconselhado, tendo-se chegado a uma nova Instrução de colonização que, tudo o indica, deve vir a constituir um elemento de apreciável valor na definitiva colonização da Província de Angola.

INDÚSTRIA CORTICEIRA

Na exportação de produtos portugueses avulta, como uma das suas mais valiosas rúblicas, a cortiça, uma das nossas mais importantes riquezas que enviamos em larga escala para todos os mercados do mundo e em cuja exploração se empregam alguns antigos organismos entre os quais se destacam diversos industriais britânicos que se tem dedicado a esta actividade, como a «Sociedade Corticeira Robinson, Bros, Ltd.» há muito fundada em Portugal e que em constante progresso chegou a atingir o seu actual desenvolvimento.

É à sua fábrica que se devem importantes trabalhos ultimamente realizados entre os quais se destacam a pavimentação do novo edificio da Casa da Moeda, o revestimento isolador da nova Estação Marítima de Alcantara a que vai seguir-se a pavimentação com mosaicos de cortiça. Com eles foram também revestidos os salões dos edificios anexo à Embaixada de Inglaterra, merecendo especial relêvo os mosaicos decorativos do gabinete do illustre Embaixador.

A preferência pelos mosaicos «Robinson» justifica-se pelas suas inconfundíveis características de uma excepcional flexibilidade aliada a uma perfeita elasticidade que os tornam de uma longa duração, garantindo-lhes a mais completa isolamento do som e do calor tornando-os assim aconselháveis na pavimentação de todas as construções de responsabilidade não esquecendo ainda a apresentação dos seus vários modelos com desenhos diferentes e tonalidades de cor bastante agradáveis à vista.

Esta Firma que tem pessoal devidamente habilitado para a respectiva colocação é representada em Lisboa pelos seus Agentes Robinson, Bardsley & C., Ltd. Cais do Sodré, 8, no Porto pela Firma «Representações Anglo-Lusitanas», Praça da Batalha, 90-2.º e no Sul pela Firma Santos, Coelho & Triçãiros, Avenida da República 2, Olhão.

UMA FÁBRICA DE REFRIGERANTES

Há precisamente cinqüenta anos que, na rua da Lapa, o subdito britânico George Alexander Hall Junior, fundou uma modesta fábrica de refrigerantes que a breve trecho se desenvolveu de forma a exigir mais adequadas instalações que três anos depois se inauguraram no Calçada da Cruz da Pedra, 10, em vastos terrenos onde se construíram as suas oficinas hoje providas dos mais modernos maquinismos que a tornaram a mais importante organização da sua especialidade entre nós.

Os seus actuais proprietários George e Cecil, filhos do fundador e seus dedicados continuadores nesta interessante iniciativa, não se tem poupado a quaisquer esforços no sentido de aperfeiçoarem o fabrico dos seus produtos, o simples pirólito, tanto do agrado das classes populares, o gingerbeer preferido dos ingleses mas que os nacionais também muito apreciam, as limonadas gasosas de que todos gostam e a tonic-water, sendo para registar o inextinguível cuidado na hygiene que preside a estes fabricos o que justifica a confiança que inspiram os produtos Hall, espalhados por todo o País e com uma exportação para o nosso Império Ultramarino já bastante apreciável.

Com as suas máquinas, as geradoras, as de engarrafamento e de capsulagem dos mais recentes modelos, os milhares de caixas, as centenas de milhar de garrafas dos vários formatos, os milhões de capsulas, as camionetes para transporte constituem um completo organismo bem mais importante do que à primeira vista parece.

Sumário

CRONICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

STAFFORD CRIPPS, biografia

A INGLATERRA COMBATE EM TRÊS FRENTES, por Carlos Ferrão

GRACIE FIELDS EM LISBOA

SOLDADOS DE PALMO E MEIO

A ÚLTIMA ROMÂNTICA NA TERRA DOS ROMÂNTICOS, de Rodrigo de Mello

A R. A. F. EM ACÇÃO NO MAR DO NORTE

A MAIS COMPLETA ACTUALIDADE GRAFICA DA GUERRA, em duas páginas

A VIDA DE CHURCHILL

FIGURAS E FACTOS

QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA ? responde o pintor Fernando Santos

O FAMOSO QUÁDRO DO GRUPO DO «LEÃO»

O GRANDE ARSENAL CANADIANO, por S. Saboya

OS INGLÊSES EM ÁFRICA

UM CASAMENTO DE GUERRA

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS, dupla página

PAGINA FEMININA, de Aurora Jardim

MULHERES TRISTES, novela de Guedes de Amorim

REFLEXOS DO MUNDO

CRÓNICA ALEGRE

CINEMA, de António Lourenço



A moda inglesa deste verão de guerra de 1941, surpreendida em Regent Street: linhas simples e tecidos ligeiros e económicos



Dunhill

O melhor
cigarro Americano

Importadores exclusivos

Roque Pinto, L.^{da}

R. do Amparo, 94-1.º

L i s b o a

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório

Material de Desenho

Casa especializada em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta,
lapiseiras, carnets, albuns para fotos, pastas para mensa-
gens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

“QUANZA”

sairá no dia 30 de Julho pelas 16 horas,
recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA,
PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES,
CAPE TOWN, LOURENÇO MARQUES,
BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental,
sujeita a baldeação

IMPORTANTE: — A carga será recebida até às 20 horas do dia 26 e depois desta data até às 18 horas do dia 29 com o aumento de 20%

Para esclarecimentos e mais informações:

Sede: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 [6 linhas]

LISBOA

Sucursal: Rua Infante D. Henrique 73 r/c. — Tel. 1 434

PORTO

DONA FILIPA DE LENCASTRE

A sua influência na moral da sua época

Naquele dia 9 de Maio de 1386, celebrou-se um tratado perpétuo de paz e amizade, entre Portugal e a Inglaterra ficando «cada uma das partes obrigadas a considerar seus inimigos os inimigos da outra». Também por um adicional assinado na mesma ocasião, Portugal obrigava-se a prestar auxílio à Inglaterra, com «10 galés que equiparia à sua custa, devendo-lhe no entanto pertencer todos os prisioneiros que fossem feitos por estes navios». Foi este acôrdo seguido de perto por um tratado de aliança entre o nosso rei D. João I e o Duque de Lencastre. E, para mais firmeza do mesmo tratado, o Duque concedia a mão de sua filha, Dona Filipa, a D. João de Portugal.

Este tratado fôra assinado em princípios de Novembro daquele ano e o casamento realizou-se, num frigidíssimo dia (2) de Fevereiro do ano seguinte «com a assistência de Nun'Alvares, que foi o mestre da sala das bodas».

A virtuosa Senhora — filha de João de Gaurt — veio a ser mãe da *Inclita Geração* dos notáveis Infantes de Aviz!

Foi enorme a acção exercida por Dona Filipa de Lencastre, a encantadora inglesa, nos costumes da sua época. Usando da sua muita influência pessoal, a rainha procurou e conseguiu, em grande parte, moralizar a côrte e quasi tôdas — por reflexo — as camadas sociais do reino. A ausência de escrúpulos, em matéria de paixões humanas, era

quasi geral, naqueles recuados tempos da nossa história. A côrte, graças ao anjo bom que da *grande ilha* para cá veio, tornou-se numa escola de honestidade. Terna, suave e boa, a rainha promovia os casamentos, combinava enlances e dava pelo seu caracter afável o exemplo da virtude. Cronistas coevos falam, singelamente, como dum facto vulgaríssimo, na *barreigice dos clérigos e dos casados!*

D. João — talvez a conselho de sua exemplar esposa — tomou medidas severas para tais abusos e punia com rigor extremo certos delitos, graves, de imoralidade.

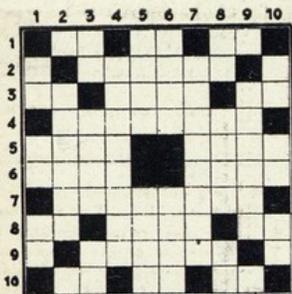
A família real era um *oásis* de sã moral e de bom viver, como soi dizer-se, e até de austeridade, no meio daquele imenso deserto, no qual as paixões, desenfreadas, pululavam a esmo.

O próprio infante — depois rei — Dom Duarte, assinalou as melhorias nos costumes com dizeres, interessantes, que a falta de espaço nos inibe de aqui reproduzir.

Que admira, pois, que soberana, possuidora de tão excelsas e preclaras virtudes e apreciados predicados de alma e coração, tivesse dado ao nosso país — que se tornou também o seu — varões tão ilustres, no *sufrimento, na heroicidade e na ciência?*

E por último, o que mais impressiona, sobretudo, nesta geração de Aviz, é a concórdia, o afecto e o intenso, profundo e terno amor de família, que ligava todos os príncipes!

J. Gonçalves Correia



PROBLEMA N.º 19;

HORIZONTAIS

- 1 — Indivisível; Utensílio; Alternativa.
- 2 — Mancebo gentil.
- 3 — A mim; Apelido do Ministro inglês dos Estrangeiros; O dormir dos pequeninos.
- 4 — Apelido do Almirante Comandante da Esquadra inglesa do Mediterrâneo Ocidental.
- 5 — Inaugurei; Oro (inv.).
- 6 — Anagrama de «suco»; Molhe.
- 7 — Apelido do General inglês que recentemente assumiu o comando supremo do exército britânico do Egipto.
- 8 — Medida inglesa que equivale 0,33 m.; Reduzir a gelo; Grito de dôr ou alegria.
- 9 — Libertai.
- 10 — Nota musical; Preposição inglesa; Desguarnecido.

VERTICAIS

- 1 — Proposição; Campeão; Insignificância.
- 2 — Bosqueje.
- 3 — Cânhamo da Índia; O Inferno; Êrmo.
- 4 — Designação que os filósotos platónicos davam ao criador do Homem.
- 5 — Tem autoridade; Proposição e pronome numa só dicção.
- 6 — Género de mamíferos ruminantes do hemisfério boreal; Unidade de potência, correspondente à potência dum motor que produz a energia dum «joule» por segundo.
- 7 — Implorara.
- 8 — Artigo (pl.); Substância anti-séptica do género creolina; Prefixo de negação.
- 9 — Nome químico do azeite.
- 10 — Afastado; Reis (abrev.); Caminhar.



Solução do problema n.º 18

Companhia de Moçambique

TERRITÓRIO DE MANICA E SOFALA

África Oriental Portuguesa

Capital: BEIRA

Esta região, com a superfície de 134.000 quilómetros quadrados, é considerada uma das mais férteis do continente africano, destacando-se na sua produção agrícola, o milho, o açúcar e o algodão. O pôrto da Beira, dotado de cais acostável e magnificamente apetrechado, é servido por duas linhas férreas que ligam o território às regiões limítrofes de Oeste e do Norte

PARA INFORMAÇÕES:

Em LISBOA:

Largo da Biblioteca Pública, 10 (Sede da Companhia)

Na BEIRA:

Secretaria Geral do Governo do Território

REFLEXOS DO MUNDO

Frade e soldado



O capitão de mar e guerra d'Argenlieu é um dos chefes que dirigem as forças navais do general De Gaulle. Após ter tomado parte na última guerra, abandonou a vida do mar e entrou num convento de carmelitas. Lá se ordenou padre.

Ao rebenatar a presente guerra, foi outra vez chamado ao serviço activo. Quando o armistício separou os aliados que pareciam sê-lo para a vida e para a morte, d'Argenlieu não se confessou vencido e continuou a luta com os Franceses livres.

O misticismo e as armas não comungaram apenas séculos atrás, em que debaixo dos escapulários se mostravam os arneses. Quando a causa do soldado é nobre e a sua intenção pura, êle pode perfeitamente erguer nas suas mãos a hóstia imaculada.

Uma família de heróis

A família Cunningham poderia formar um batalhão se não estivesse tão dispersa nos vários campos de batalha. Em primeiro lugar, os irmãos Sir Andrew Cunningham, comandante da esquadra do Mediterrâneo, e o general Sir Alan A. Cunningham, comandante e conquistador da Abissínia.

Depois dos irmãos, os primos: o vice-almirante Sir J. H. D. Cunningham, 4.º Lord Naval do Almirantado; o irmão dêste comodoro da aviação Alex Cunningham, é o chefe dos Serviços de Alarques contra ataques aéreos; por último Graham Cunningham, irmão dos dois últimos, foi recentemente nomeado para fazer parte da Comissão de Reparações por Prejuízos de Guerra.

O almirante e o general

Os dois irmãos — o que comanda no Mediterrâneo e o que comanda na Abissínia — são muito parecidos: os mesmos olhos azuis, de olhar profundo, o mesmo mento saliente, indicador de energia e decisão.

No tempo de paz viviam ambos uma imponente casa de campo do condado de Hampshire. Tinham frequentes quezílias por assuntos de jardinagem que muito os interessavam a ambos: o almirante especializara-se nas

ervilhas de cheiro e o general tratava das rosas com particular carinho. Qualquer pequeno êxito de um com as suas flôres irritava particularmente o outro.

Além das flôres gostavam de ir para o rio próximo e entregarem-se à pesca, durante horas seguidas.

Agora, na guerra, os êxitos de um já não devem irritar o outro: o inimigo é comum. Não os afastam as ervilhas de cheiro e as rosas.

Uma anedota

Outra ainda do almirante Andrew Cunningham ou, melhor, de um examinando que não hesitou em fazer esprito com o nome do vencedor de Tarento e Matapan, que emparceira já hoje com os Nelsons e os Beattys.

Que vale porém a celebridade e a glória de um nome quando êle se pode retalhar, mostrando um traço de inteligência e bom humor que por certo os mestres também apreciam, por detrás das suas lunetas severas?

Foi num exame recente, exame de francês, que aparecia do princípio de uma frase «Admiral Cunningham...»

A centelha do génio divertido saltou na mente de um aluno e cortando a palavra em duas, muito calmamente, com o sorriso a apreciar de antemão a cara do professor e a do próprio almirante se viesse a ter conhecimento do caso traduziu «Admiral Cuning-Ham...» — L'Amiral Rusé-Jambou...»

E o homem que sulca o Mediterrâneo e o domina com os seus navios, cultivador emérito de ervilhas de cheiro, deve ter apreciado a simplicidade e a amizade de um aluno de francês.

Paderewsky



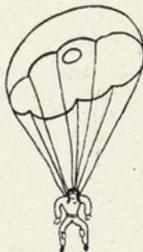
Há homens cuja morte no momento presente nos não pode surpreender. De admirar seria que o seu espírito continuasse, no meio do mundo actual, a suportar a vida e a resistir aos espinhos que dilaceram a alma.

Paderewsky foi um desses espiritos. Nada de estranho que abandonou a terra, para longe, onde se não ouça o troar do canhão e o tão monótono matraquear da metralhadora, quem

viveu para a harmonia e a beleza.

Que há na vida que possa atrair tais espiritos? Nada além da esperança de um dia poderem ver de novo reinar o amor e a beleza. Quando a realidade porém é demasiado crua e visão esmagadora, a esperança tem fracas probabilidades da vitória sobre a morte.

Diplomata moderno



O último movimento diplomático do Foreign Office nomeou para Montevideo um sucessor ao Ministro no Uruguai, Mr. Millington-Drake. Este passava a

fazer parte do «British Council» e, como tal, dedicado às relações culturais da Gran-Bretanha com os demais povos.

Educado em Eton e Oxford o diplomata alto, loiro, com um grande espírito desportivo, era o melhor dos camaradas de desporto, com notáveis aptidões dramáticas e radiofónicas.

A sua influência era grande em toda a América do Sul, pois as suas palestras ao microfone — tão interessantes como frequentes — eram dos mais atentamente seguidas e escutadas.

Fôra também eleito Presidente da Associação de Tenis Uruguai.

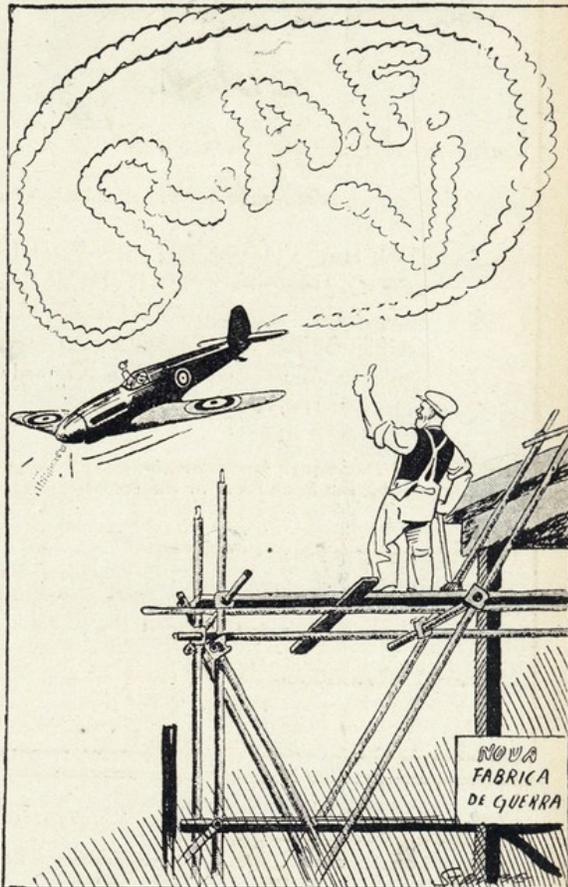
Todo êsse espírito século XX, nos mais variados meios, são dos melhores predicados de um Diplomata, agora que a severidade já não é das coisas essenciais ao representante de um país.

A lição da natureza

As visões e cenários apocalípticos da guerra, onde só a destruição e a morte imperam contrapõe a natureza, por vezes, a exuberância da sua vida, a harmonia que a rége.

Na Grécia e em Creta era frequente o espectáculo de ver no meio de oliveiras, com as folhas verdes brilhando ao sol da primavera, o espectáculo de grandes aviões de transporte de tropas abatidos com toda a sua tripulação estafelada e o sangue humano a pintalgar de vermelho para a paz.

As árvores continuavam a viver no meio do espectáculo da destruição de tanta vida em flor, deixando aos homens o monopó-



A decisão da Inglaterra: cada vez mais fábricas, mais aviões

lio de procurarem aniquilar-se. Lição de serenidade dada pela natureza à loucura humana.

A arte do réclamo



O anúncio comercial está sendo uma arte e não das mais fáceis. Atrair a atenção dos leitores, ainda os que não lêem a parte publicitária, para qualquer produto que se quer espalhar não é tão fácil como parece.

Há verdadeiros especialistas, verdadeiros trucs para cravarem no cérebro dos homens os nomes dos produtos.

Um processo muito usado está sendo o de aproveitar os acontecimentos do dia e escrever nos jornais com o ar noticioso o que afinal sai aos olhos do leitor um simples e perfeito anúncio.

Quando o caso de Rodolfo Hess estava mais aceso aparecia o retrato dele com o paraquedas e a seguinte legenda: «Andava desolado na Alemanha, de que

era um dos senhores. Não tinha a felicidade. Tomou o aparelho e voou para Inglaterra onde a veio encontrar graças à cidra «Butler» que tem bebido com grande satisfação e alegria. Declara que não mais sairá da Inglaterra, porque fora dela a não encontraria...»

Declarações de amor...



O «Popolo d'Italia» fazia recentemente um apêlo a várias atrizes conhecidas para darem o seu coração à causa que o referido jornal defende.

Entre elas, a Deanna Durbini que, há pouco, sem atender a súplica do jornal italiano, o consagrou ao feliz e invejado noivo Paul Vaughan.

No número das estrélas, porém, não estava Clark Gable, como se o coração dêle não interessasse ao «Popolo d'Italia».

E' de presumir, contudo, nota um jornal inglês, que aos corações que mais interessam se não dirigem súplicas em letra impressa.

Quere ganhar dinheiro?
Anuncie no MUNDO GRÁFICO



STAFFORD CRIPPS

O actual embaixador da Gran-Bretanha em Moscovo é uma personalidade marcante nos circuitos políticos do seu país.

Nasceu em 1889, sendo o filho mais novo de Lord Parmoor. Foi educado em Winchester e em Londres. Formado em direito, alcançou rapidamente uma grande reputação como advogado. A sua intervenção em algumas causas deu-lhe uma justa celebridade.

Durante a Grande Guerra serviu em França, colaborando entusiasticamente na obra meritória realizada pela Cruz Vermelha britânica e trabalhando durante cerca de dois anos numa fábrica de material de guerra.

Terminadas as hostilidades, regressou ao seu país e iniciou a carreira política. Filiou-se no partido Trabalhista e foi chamado a desempenhar funções públicas, pela primeira vez, em 1927. A sua preocupação principal era a organização da paz para evitar ao mundo os horrores de uma nova conflagração mundial. Com esse objectivo trabalhou para a fundação e progresso da «Aliança para a amizade internacional» de que foi tesoureiro.

Em 1931, foi eleito deputado por Bristol, nesse mesmo ano e, foi chamado a fazer parte do governo Mac Donald, que pouco depois se demitiu, para dar lugar ao governo nacional da presidência do mesmo homem de Estado britânico. Não acompanhou os seus colegas que formaram o partido trabalhista nacional e defendeu durante alguns anos a necessidade de um entendimento entre o seu país e a U. R. S. S.. Os seus pontos de vista não foram aprovados pelos congressos partidários de 1937 e 1939.

Sir Stafford abandonou, por isso, as fileiras do trabalhismo não voltando à Câmara dos Comuns. Com a evolução dos acontecimentos internacionais e a guerra, a campanha em que se empenhara para uma colaboração mais estreita com a U. R. S. S. levou à indicação do seu nome para o posto de embaixador da Gran-Bretanha em Moscovo, lugar que fôra, até então, ocupado por um diplomata de carreira, Sir William Seeds. Recentemente, Sir Stafford Cripps esteve em Londres para consulta pouco antes de se iniciarem as hostilidades germano-russas.

CRÓNICA INTERNACIONAL

Uma reunião em Londres

O mês de Junho foi assinalado por um facto de importância capital. No dia 12, reuniram-se em Londres os representantes da Gran-Bretanha, dos Domínios e dos seus aliados para apreciar a marcha da guerra e marcar correctamente a sua posição em relação a uma ofensiva de paz provocada pela publicação, nos Estados Unidos, da entrevista que o chanceler do Reich concedeu ao antigo embaixador norte americano na Bélgica, Sr. Cudahy.

A reunião estiveram presentes as seguintes individualidades: Winston Churchill, Anthony Eden, Clemente Attlee, Lord Cranborne, Lord Moyne, Sir Archibald Sinclair e R. Butler (Reino Unido); Vicent Massey (Canadá) S. M. Bruce (Austrália); W. J. Jordan (Nova Zelândia); S. F. Waterton (União Sul Africana); L. S. Awery (Índia e Birmânia); srs. Pierlot e Spaak (Bélgica); Sramek e Masaryk (Checo Eslováquia); Simapoulos (Grécia); Duparg e Bech (Luxemburgo); Gerbrandy e Van Varduyen (Holanda); Nygaardsvold e Lie [Noruega]; General Sikorski e Augusto Zaleski (Polónia); Soubalitch (Yugo Eslovénia); Cassine e Dejean (em representação do movimento da França livre).

Os nomes e a categoria das personalidades que assistiram à reunião bastam para dar ideia da sua importância e do seu significado. Mas as declarações que se fizeram durante essa reunião e os factos a que a sua realização deu imediatamente origem são também de considerar.

A reunião realizou-se no palácio de Saint James, sob a presidência do Primeiro Ministro da Gran-Bretanha. Este proferiu um discurso em que traçou o quadro geral das operações e enunciou os objectivos essenciais pelos quais se batem o Império britânico e os seus aliados. «Somos os senhores do nosso espaço aéreo — disse o sr. Churchill. Podemos retribuir já os golpes que recebemos do inimigo pelo ar. A Armada Real domina os mares. Os «raids», realizados contra os nossos portos, as nossas cidades, as nossas fábricas não abateram o moral do povo. Os mantimentos e as armas chegam, a salvo, à terra inglesa. Tornámo-nos uma comunidade armada. As nossas forças terrestres estão treinadas e têm um equipamento perfeito».

Usando em seguida da palavra, o sr. Eden declarou que a comunidade perfeita dos aliados na guerra é a melhor garantia de que a paz será uma paz de entendimento perfeito e de colaboração activa. «Inaugura-se assim, acrescentou, uma nova fase na vida dos povos. Estamos na presença duma peça essencial da máquina que nos há-de ajudar a alcançar a vitória». Quando a negociação se substituir à luta o sr. Eden espera que se mantenha o espírito de convívio fraternal, que caracteriza, neste momento, a actividade militar da Gran-Bretanha e dos seus aliados.

No final, as individualidades que assistiram à reunião votaram, por unanimidade, uma declaração comum em que afirmam o seu propósito inabalável de prosseguir no combate empreendido até à vitória final. A recepção que lhes foi oferecida pelo soberano britânico marcou a consagração oficial dum trabalho que, empreendido no meio de dificuldades e incertezas, os interessados desejam conduzir até à sua conclusão satisfatória.

No seu último discurso, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Gran-Bretanha referiu-se à reunião do dia 12 de Junho para pôr em relevo a sua importância, e para acentuar que as resoluções tomadas devem considerar-se um trabalho preliminar para a tarefa ingente da reconstrução da Europa e do Mundo que a diplomacia e a opinião pública britânicas consideram indispensável.

O OBSERVADOR

A viagem presidencial

A viagem que o sr. general Carmona, com a alta autoridade que lhe dá a suprema magistratura da Nação, inicia no próximo dia 23, ao arquipélago dos Açores, é um acontecimento de alto significado. Acompanham-no todos os portugueses, num fervoroso preito de homenagem que, substancialmente, se afirma, admirando mais uma vez a nobreza do cidadão exemplar que ao serviço da Pátria comum, o Império, tem dedicado tôdas as forças da sua consciência e da sua inteligência. A propósito da viagem presidencial, publicou há dias o Times, um artigo de fundo, do qual reproduzimos os seguintes passos:

«O mais velho império marítimo do mundo viu-se obrigado a prestar atenção da situação em que se encontram actualmente algumas das posições importantes que ocupa sobre o mapa do globo, e nenhum dos vastos domínios portugueses se destaca mais neste momento do que o arquipélago dos Açores.

«Nós aqui, na Gran-Bretanha, só nos devemos congratular ao ver aquele ponto avançado estratégico sob a guarnição duma potência amiga e respeitada. E que por largo tempo assim continue.

«Nada podia estar mais longe dos desejos dos Estados Unidos, como, de facto, do Império britânico, do que ver perturbar por qualquer forma o domínio de Portugal sobre as suas ilhas Atlânticas. Pelo contrário, a política de ambas as potências consiste em apoiar esse domínio.

«Há a considerar, porém, o facto de existir uma força voraz à solta pelo Mundo — haja em vista o sucedido ainda há pouco com um submarino de fácil identificação, não longe das águas portuguesas — e aquela força não respeita nem intentos pacíficos nem qualquer autoridade legalmente constituída».

O Curso da guerra



O esforço de guerra inglês aumenta constantemente. A ofensiva cada vez mais pode rosa da R. A. F. sobre a Alemanha, e os territórios ocupados, o último discurso de Eden, e o auxílio americano, são elementos claros, nítidos, para se avaliar do potencial bélico que o Império britânico está acumulando. O mais importante, porém, é que as suas forças estão intactas.

A Alemanha, porém, com a sua nova campanha em que está travando sangrentas e encarniçadas batalhas, tem de dispendir grandes energias, consumindo homens e material em proporções que parecem totalizar todos os seus recursos. A guerra na Europa é contra a Inglaterra, mas a Inglaterra, na sua ilha, ainda não foi directamente enfrentada. O mesmo sucedeu no tempo de Napoleão!

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^a

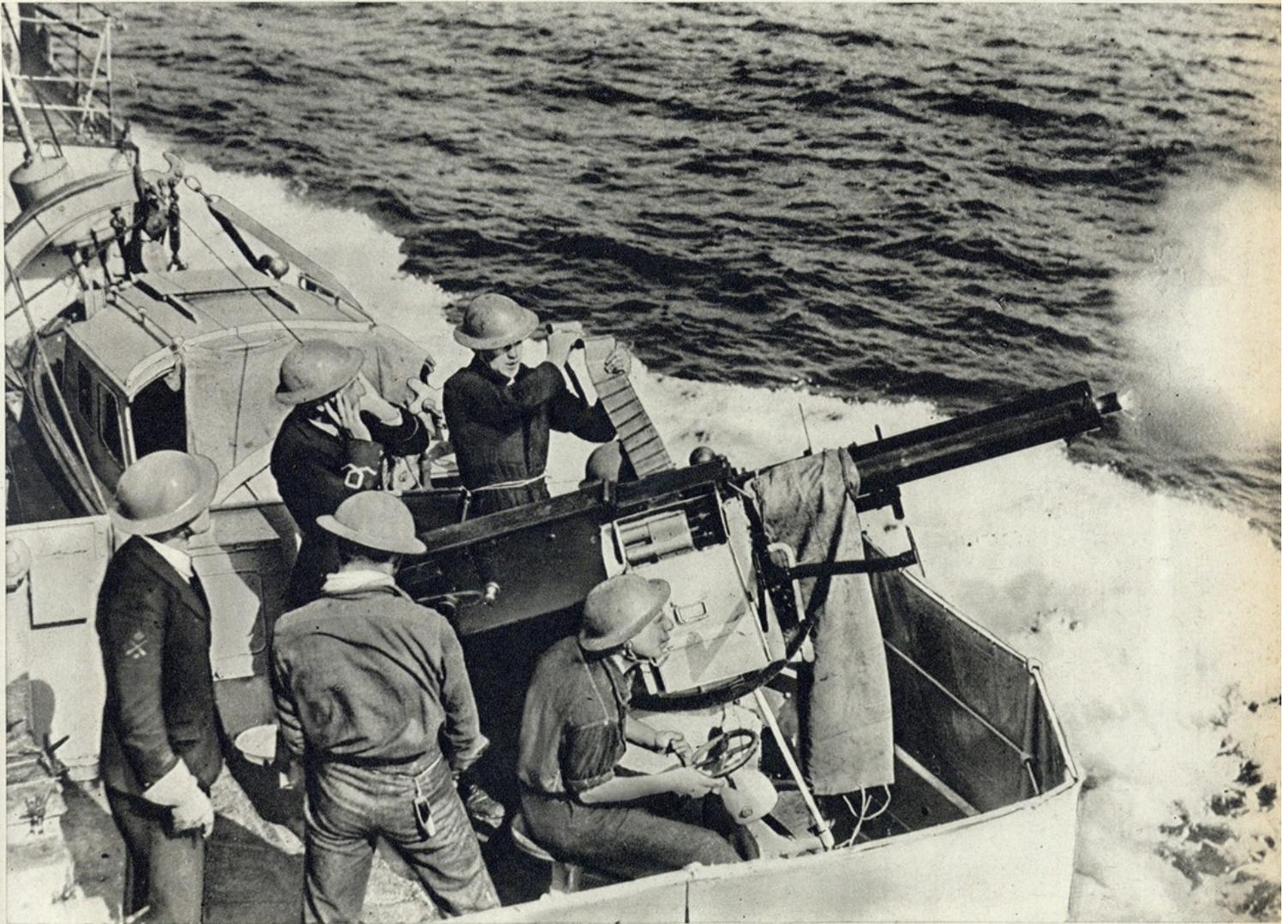
Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A ESQUADRA INGLÊSA, CONSTITUIDA POR MAIS DE MIL UNIDADES DE GUERRA, MANTEM GLORIOSAMENTE AS TRADIÇÕES NELSONIANAS, DOMINANDO OS SETE MARES

A INGLATERRA COMBATE EM TRÊS FRENTE

A Gran-Bretanha bate-se em três frentes: a frente colonial, a frente aérea e a frente marítima. O episódio russo veio aliviar, de maneira sensível, as suas preocupações imediatas. Não havendo em Londres grandes dúvidas sobre o resultado final da luta que opõe a Alemanha à U. R. S. S., compreende-se que a resistência soviética seja aproveitada para ganhar tempo e para aumentar o potencial de guerra da nação. A missão militar britânica, que sob a direcção do general Macfarlane chegou a Moscovo no dia 23 de Junho, foi acompanhada, e depois reforça-

da, com vários peritos económicos. É no plano da economia, mais que no plano das operações, que poderá traduzir-se a cooperação anglo-russa anunciada no discurso do Primeiro Ministro da Gran-Bretanha.

Qual é a posição exacta das forças inglesas e quais são os resultados por elles conseguidos capazes de influir na linha geral da guerra? Em primeiro lugar, consideremos a frente colonial onde há um ano as tropas inglesas se batem, primeiro contra os exércitos italianos do marechal Graziani e do duque de Aosta, depois contra as tropas escolhidas do general

Rommel e finalmente contra os franceses do general Dentz. A rectaguarda das tropas imperiais no continente africano tornou-se invulnerável. Com uma perfeita liberdade de comunicações, assegurada pelo contróle do Mar Vermelho e pela posse do Suez, os ingleses podem encarar, naquelas regiões, o futuro com uma tranquilidade maior. A rendição do general Gazzera marcou o termo da campanha da Etiópia. A posse da Eritreia, da Somália italiana e da Somália inglesa completaram um conjunto estratégico onde a falha aberta pela permanência dos fran-



Os "olhos," potentes da Inglaterra multiplicam-se nos mares e nos ares. Um dos "Sunderland," hidroaviões gigantes do comando costeiro, que tem atacado a navegação inimiga com extraordinário êxito



A linha vital entre a Inglaterra e os Estados Unidos permanece inalterável. Grandes comboios atravessam o Atlântico carregados de material de guerra. Sobre o comboio de prateada esteira, os "Sunderlands," vigiam

ceses em Djibuti perdeu qualquer significado militar. A saída do general Rommel para a Europa é um sintoma de que os alemães não desejam fazer, em grande escala, a guerra nas colônias. O episódio do Irak e da Síria haviam já criado essa impressão.

À volta de Sollum e de Tobruck continuará a haver escaramuças. Mas, não é de encarar uma campanha de grande estilo por iniciativa das potências do "eixo," conduzida nesta época do ano, com a esquadra do almirante Cunningham vigilante.

A actividade italo-alema deve confirmar-se à guarda do terreno conquistado e à actividade aérea sobre Alexandria e sobre as margens do canal.

O malôgro da invasão que o enviado especial do marechal Pétain, Benoist Mechin, foi desempenhar a Ankara deve influir, de maneira decisiva, no prosseguimento da luta em território sírio. A continuação da resistência do general Dentz depende, essencialmente, da renovação dos seus "stocks," de material. Essa renovação só poderia fazer-se com o acôrdo do governo turco que, segundo tôdas as probabilidades, não foi dado. Terminada a campanha da Síria as posições britânicas no Mediterrâneo Oriental, apesar de verem o seu âmbito diminuído pela ocupação de Creta, ficarão mais sólidas.

Vejamos a frente aérea. À medida que aumenta o seu potencial aeronáutico, especialmente em bombardeiros, a Gran-Bretanha intensifica os seus ataques em massa aos principais centros de população e às zonas industriais do Reich.

A região do Rhur e os estaleiros e cidades do Norte de Alemanha têm sido objecto de bombardeamentos intensos e prolongados. Esta acção de destruição é facilitada pelos acontecimentos de Leste. Mas os seus resultados não deixarão de se fazer sentir na produção alemã.

Resta a frente marítima, a batalha crucial do Atlântico.

A evolução da opinião pública norte-americana acentua-se. No curto prazo duma semana pronunciam-se nos Estados Unidos três discursos que revelam o sentido dessa evolução. O Secretário de Estado para a marinha, Knox, declarou que chegara o momento do seu país intervir no conflito por uma cooperação activa da sua Armada na protecção à marinha mercante encarregada do transporte de material para a Gran-Bretanha; o presidente Roosevelt, discursando no dia do aniversário da independência, anunciou aos seus compatriotas que a Administração está empenhada numa acção séria, poderosa e unida para a defesa das liberdades dos mares; por último, o candidato republicano à eleição presidencial Wendell Wilkie, sem os entraves que o exercício das funções de comando impõem aos homens de Estado responsáveis, anunciou, na mesma ocasião, ter a certeza de que dentro de pouco tempo uma grande parte da Marinha de Guerra norte-americana será utilizada para assegurar a entrega de material à Gran-Bretanha. A colaboração dos Estados Unidos no comboiamento de barcos mercantes pode apressar o termo da batalha do Atlântico em que os ingleses jogam os destinos da sua pátria.

Carlos Ferrão



Gracie Fields, a mais extraordinária artista inglesa, ídolo das multidões anglo-saxónicas, que há dias esteve em Lisboa, de passagem para Londres, onde vai cantar para os soldados e os operários, tal qual como na guerra de 1914

SOLDADOS DE PALMO E MEIO

Não há garoto algum que não goste de brincar aos soldados. Um capacete feito dum jornal velho, uma espingarda de pau, e pronto.

Quando se juntam seis já formam um regimento e o mais traquina em vez de uma espingarda «constroe», uma espada e é o comandante. Uma escada é o quartel, o passeio é a parada para os exercícios e, se próximo houver um largo e umas pedras a mais, já se sabe que, mais hora menos hora, há uma grande batalha. Se algum deles leva com uma pedra não cai como um valente no campo de honra mas chora durante um bocedo, pede a demissão de heroi, vai-se quizar à mãe "que o outro menino lhe bateu", mas passado algum tempo volta a encorporar-se no "regimento", disposto a vingar o "ferimento", com uma pedrada ainda maior nas costas do adversário. E se fôr preciso ao "regimento", conquista o passeio que fica defronte ao "quartel", desde que seja necessário ao seu espaço vital.

Passa tropa na rua e quem val à frente, adiante mesmo da "cor-

neta,, do "tambor,, e do próprio comandante? Uma chusma de garolada a marchar, muito imperpigada e convencida. Cada um julga-se um soldado e, enquanto podem, lá vão muito senhores do seu papel.

Mas há garotos que foram já soldados a sério. O pequeno Sabu, de Kipling é um exemplo do que pode o heroísmo infantil. Galvaniza os velhos veteranos e arrasta muitas vezes os exércitos à vitória, com um grito de entusiasmo. O "tambor,, do Bussaco, outro símbolo da fraquinice da petizada portuguesa. Estes perderam-se na lendá, mas outros surgiram: Chamam-lhes as "mascotes,,. Pequenos, sem lar, atormentados pela fome, procuraram nos quartéis a sóbra do rancho e a palha para a cama. Santiam-se bem e foram ficando. A soldadista achava-lhes graça; a oficialidade esarinhava-os com enternecimento.

Há tempos apareceu um destes garotos em Infantaria 1, ali para os lados da Ajuda. Era vivo, espartíssimo e instinou-se de tal modo que ficou por lá. Daram-lhe um fato de "magala", um número e



Este é o pequeno «jeticho» de Sapadores Bombeiros



Será um dia piloto da Aviação Naval



A mascote de Cavalaria 7. É um estupendo «calções»



Um banho forçado. O bombeiro tamaninho, de ag os seus camaradas mais velhos, como



Alheia em punho, alseja com precisão se entresse num incêndio



A mascote da Aviação Naval, o mais pequeno marinheiro do Mundo, já sabe remar admiravelmente e não tardará a voar nos ceus de Portugal



Outra mascote. Esta é de Infantaria 1, que se revelou um ótimo atrador

não falla aos exercícios e já conhece todos os toques de clarim, principalmente o «toque do rancho». Na parada recebe instrução militar, sabe fazer a continência, pegar na espingarda e, se acontece quando o sargento grita «direita volvé», não é por falta de atenção mas porque não percebeu bem.

Mas há mais: no Centro de Aviação Naval, em Belém, há também outro garoto. Tem como os «marujos a sério» uma farda e, com êlei, sabe fazer todos os serviços. No seu cérebro pequenino vive um sonho: ser aviador.

Enquanto estes mostraram instintos «bellicos» outros, porém, inclinaram-se para os bombeiros. E conseguiram lugar no Batalhão de Sapadores Bombeiros. Um está na sede, ali na avenida Presidente Wilson; o outro foi para o quartel da Graça. Não lhes faltou o fardamento e até têm capacete. E o mister difícil que escolheram não tem para eles sagrados.

Todos êtos garotos, que a necessidade obrigou a procurar agasalho nos quartéis, sentem-se felizes. Podem brincar aos soldados, alimentam a sua ilusão de crianças e fugiram à rua, à vida de vadios e de mendicidade a que os obrigavam. Nos seus novos lares aprendem ainda a lêr e quisí deixaram de ser crianças.

Há, porém, que olhar pelo futuro dêsos garotos; fazer dêsos uns homens. Bem podiam as entidades oficiais colocá-los em estabelecimentos de ensino, no Instituto dos Pupilos do Exército, por exemplo. Bem o merecem e garantisse-lhes um futuro, que a boa vontade de oficiais e de soldados não lhes pode dar.

Teriam educação, aprenderiam a ser homens e, sobretudo, a ser soldados.

E quem sabe se, anos volvidos, não voltariam aos quartéis onde um dia, distante, se recolheram. Mas, então, com uma farda bonita, feita por medida, e com uns galões reluzentes.

E ao entrar ali, cada um dêsos, por certo, se recordará da sua triste meninice e do acolhimento que teve. Sentir-se-á de novo nas sua casa e há-de pensar durante alguns momentos:

— Quando eu era pequenino...



No Bom-Sucesso. O cão é o primeto a tomar banho. O afilhado dos aviadores vai fazer o seu exercicio habitual de natação



O garoto é o idolo dos bombeiros. Ei-lo com o capacete e garbosamente fardado, sorrindo de alegria

o rancho, que era a sua ambição. Sentiu-se bem e deixou-se ficar. O quartel foi o seu lar, os militares a sua família. Um belo dia, porém, a cavalaria atraiu-o e pediu transferência de arma. Assentou arrais em Cavalaria 7 e pôde andar a cavalo. Não ficou vago o seu lugar em Infantaria 1.

Outro mído surgiu a vestir o seu uniforme e comer-lhe o rancho. E por lá está. Contento porque não lhe falta nada e mostra-se zeloso do seu papel. Desde que «assentou praça» cumpre todos os seus deveres militares;

A ÚLTIMA ROMÂNTICA NA TERRA DOS ROMÂNTICOS

Há vinte-e-muitos anos (acreditem!) aquelas sessões cinematográficas do «Condes», ao sábado, com a terceira parte do programa igual à primeira — para inteireza dos retardatários — e o violino do Flaviano Rodrigues a sublinhar envenenamentos da Francesca Bertini abriam estradas de evasão aos estudantinhos liceais ainda de calções curtos e já com uma indistinta sementeira de insatisfação e presciência no quintalório fresco da alma.

Seria tudo convencional e postiço, seria... Andasse pairando muito longe a certeza — que havia de chegar! — de ser o animatógrafo uma arte... Mas lá estavam nossos olhos, mal abertos para os compêndios árduos, e escancarados para o «écran», a libarem como abelhas os contos visuais que — em nós, os sensíveis — logo se tornavam mistura ao sangue das veias, a entornarem nestas certo doce veneno, gêmeo dos que a Manichelli ou a Robinne bebiam para acabarem de sofrer amores ou remorsos.

Foi *quási* com estes olhos, apreensivos e ainda límpidos, que «conheci» Pola Negri. E se, nessa época extasiada, me predissessem o encontrá-la, em vulto material e tangível, descendo a Avenida, tomando refrescos no Tamariz (já haveria Tamariz, então?...), fazendo compras, passeando no parque ou almoçando no «palace» — o pobre rapazito imaginativo que eu era ganharia renovadas vontades de viver, pelo menos até se cumprir o prodígio ímpar de assistir à consumação dum conto de fadas.

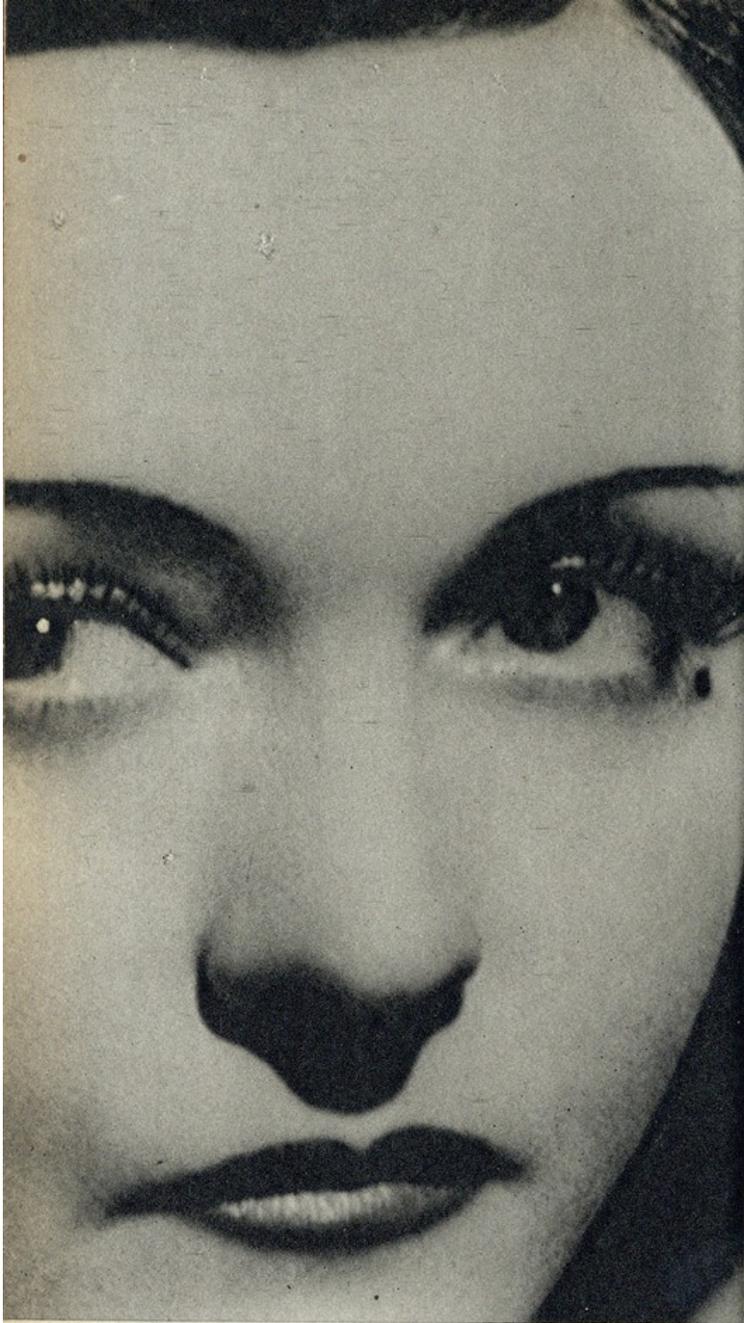
Chegou aqui, passado o seu zenith, — para saber talvez que jornalistas cruéis a diziam gasta, «fanée», candidata a ruína...

...E para o nosso fotógrafo desmentir as atoardas... E' que além e acima de tódas as celebridades estelares que o «Clipper» nos vem fazendo chover do céu — estrelas cadentes que são, algumas, decadentes também... — a grande trágica logra o encanto de não nos desencantar, nem a nós que a ligamos, como foi dito, às horas, docinhas de *Dantes*, de quando as almas nos eram alvoradas e não morrinhentas candelas de crepúsculo...

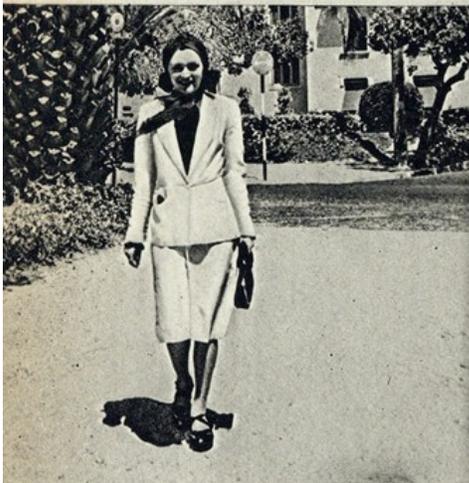
Pediram-lhe que fôsse Madrinha do estandarte dum grupo de estudantes, hoje encanecidos, que não podiam com saúdaes do seu tempo — e cantaram, ainda uma vez, — para as espalhar?

As mãos, de unhas sangrentas no mármore quente dos dedos, fôram bênçãos de saúde. Pombas adejando na bandeira idosa, que voam a colher, entre rochedos, flores (flores! — A eterna romântica! —) portuguesas, emquanto o olhar, pigmentado de lembrança, busca no céu — quem sabe? — a imagem viril d'O que fugiu da terra e dos seus braços, também coberto de flores sempre, sempre renovadas — porque são lágrimas o que as faz ressuscitar!

Rodrigo de Mello



Uma expressiva máscara de Pola Negri, a grande intérprete, na «tela», do amor e da morte, por quem Rudolfo Valentino, o galã ideal, se apaixonou perdidamente



Pola Negri, que foi princesa Mdivani, passeia, numa linda manhã de sol, no parque do Estoril



(Foto J. Lobo)

Ainda é uma romântica! Foi ela quem escolheu o cenário na praia do Guincho e este lindo vestido... branco como a espuma do mar, numa hora nostálgica em que a luz se embebia de espiritualidade. Pola Negri, a grande amorosa, sonha



A R. A. F. EM ACCÇÃO NO MAR DO NORTE

O AVIÃO é, hoje, um dos mais temíveis adversários do navio — mercante ou de guerra. Houve, é certo, durante muito tempo, que enfrentar complicados problemas de balística que a mobilidade e dimensões do alvo evidenciaram. O engenho dos técnicos e a audácia dos pi-

lotos ingleses encontraram, porém, rápida solução. Os primeiros, construíram visores ópticos de excepcional rigor, cujas características não foram reveladas; os segundos, enfrentando o fogo anti-aéreo, bombardeiam a altitudes tão baixas que é quase impossível errar.

Esta admirável reconstrução de um artista inglês foca o momento preciso em que um avião de bombardeamento "Bristol Beaufort," deixa cair as suas bombas sobre os navios de um comboio alemão, no Mar do Norte, afundando dois.



conquista da Abissínia. Depois dum avanço de 1800 milhas a sessenta dias, um general inglês entra no velho palácio do Rei dos Reis, em Addis-Abeba.



As tropas imperiais atravessando a capital da Abissínia com uma marcha de guerra, em que as gaitas-de-folê e os tambores vibram em acordes marciais



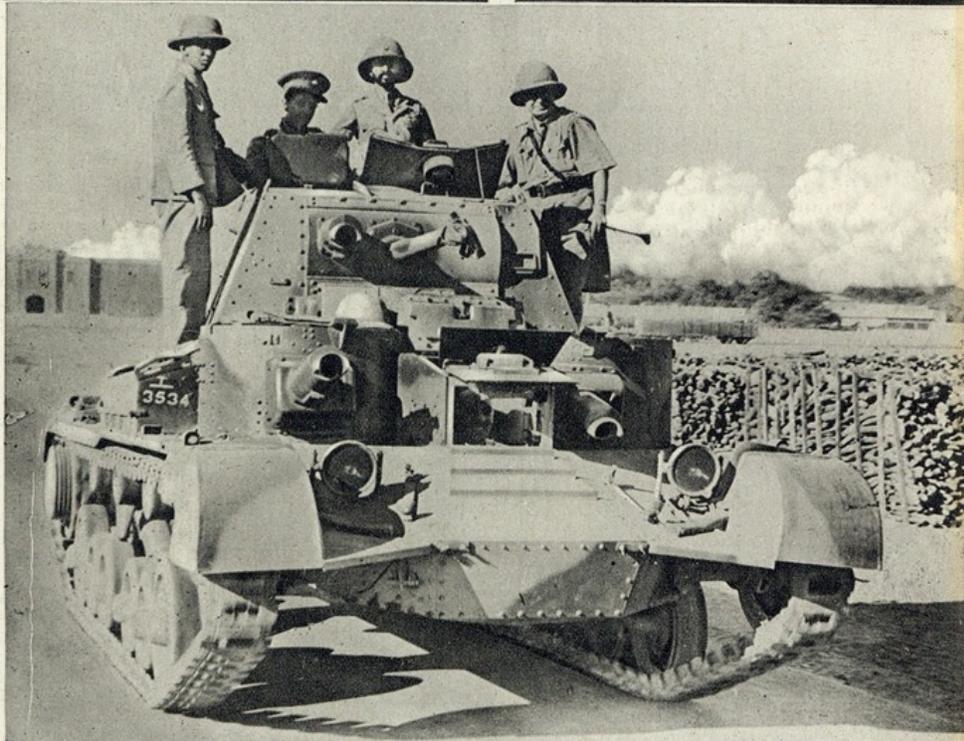
Soldados ingleses e australianos trabalhando em pleno deserto. O seu sorriso, a sua despreocupação, não são apenas para a objectiva; são-no para todos os momentos



Hailé Selassié voltou de novo ao seu reino da Etiópia. Ei-lo içando no seu palácio o estandarte real junto de alguns oficiais ingleses



O pavilhão glorioso do Império volta a flutuar em Berbera, capital da Somália inglesa.



A caminho de Addis Abeba, depois da fulminante vitória britânica. O Negus e o príncipe herdeiro entram neste tank, cujos canhões poderosos já não encontram o inimigo, na capital do seu império



A VIDA DE CHURCHILL

Como o Primeiro Ministro conta a sua acção na guerra de Cuba

O marechal Martinez Campos recebeu-nos amavelmente e confiou-nos a um dos oficiais do seu estado maior, João O'Donnell, um jovem tenente, filho do duque de Tetuão que falava muito bem o inglês. Surpreendeu-me o seu nome. Explicaram-me que se naturalizara espanhol desde o tempo da brigada irlandesa. O'Donnell disse-nos que, se quiséssemos assistir aos combates, teríamos de ser incorporados numa coluna móvel. Naquela manhã, seguia uma dessas colunas sob o comando de Valdez. Ia para Sancti Spiritus, uma cidade que ficava a quarenta milhas e estava cercada pelos rebeldes. Era lamentável que não tivéssemos chegado mais cedo. Lembrámos que, como ela tinha percorrido apenas uma etapa, a poderíamos alcançar facilmente. O nosso oficial espanhol abanou a cabeça:

— Não chegariam a cinco milhas daqui.

— Mas onde está o inimigo? perguntámos.

— Em toda a parte e em parte nenhuma. Cinqüenta cavaleiros podem ir onde quiserem. Dois não podem dar um passo, sem risco.

Havia, entretanto, um processo de alcançar a coluna do general Valdez. Mas era preciso ir, em caminho de ferro, até Cienfuegos, e daqui, por mar, até Tuna. A linha férrea de Sancti Spiritus a Tuna, segundo se dizia, estava bem protegida. Os comboios militares atravessavam-na regularmente. Fazendo uma viagem de cento e cinqüenta milhas chegaríamos a Sancti Spiritus ao fim de três dias; o general Valdez, com as suas tropas, levaria

quatro para lá chegar. Poderíamos, assim, alcançar a coluna e seguir o curso das operações. Tinham que nos arranjar cavalos e ordenanças. O general recebeu-nos na qualidade de convidados do seu estado maior.

Fizemos o nosso trajecto com algum risco, mas sem acidentes. Sancti Spiritus, a despeito do seu nome, era uma cidade de segunda ordem.

Depois duma espera respeitosa apresentámo-nos no quartel general. O general Valdez já lera os telegramas que anunciavam a nossa chegada. Recebeu-nos amavelmente. Era general de divisão. Fazia uma viagem de quinze dias nas regiões insubmissas com o duplo objectivo de visitar as cidades e os portos ocupados pelos espanhóis e de combater os rebeldes, onde os encontrasse. Explicou-nos, com auxílio dum intérprete, que era uma honra para ele receber os representantes duma grade nação amiga que ficaria junto da sua coluna. Apreciava a significação moral que este gesto da Grã-Bretanha traduzia. Respondemos, também com auxílio do intérprete, que era muito amável e que esperávamos receber algumas sensações fortes. O intérprete com isto compôs umas frases apropriadas e o general ficou satisfeito. Anunciou, depois, que partiriam ao romper da manhã. A cidade oferecia o perigo duma epidemia e ele não desejava permanecer ali. Os nossos cavalos estariam prontos a tempo. No fim, convidou-nos para jantar.

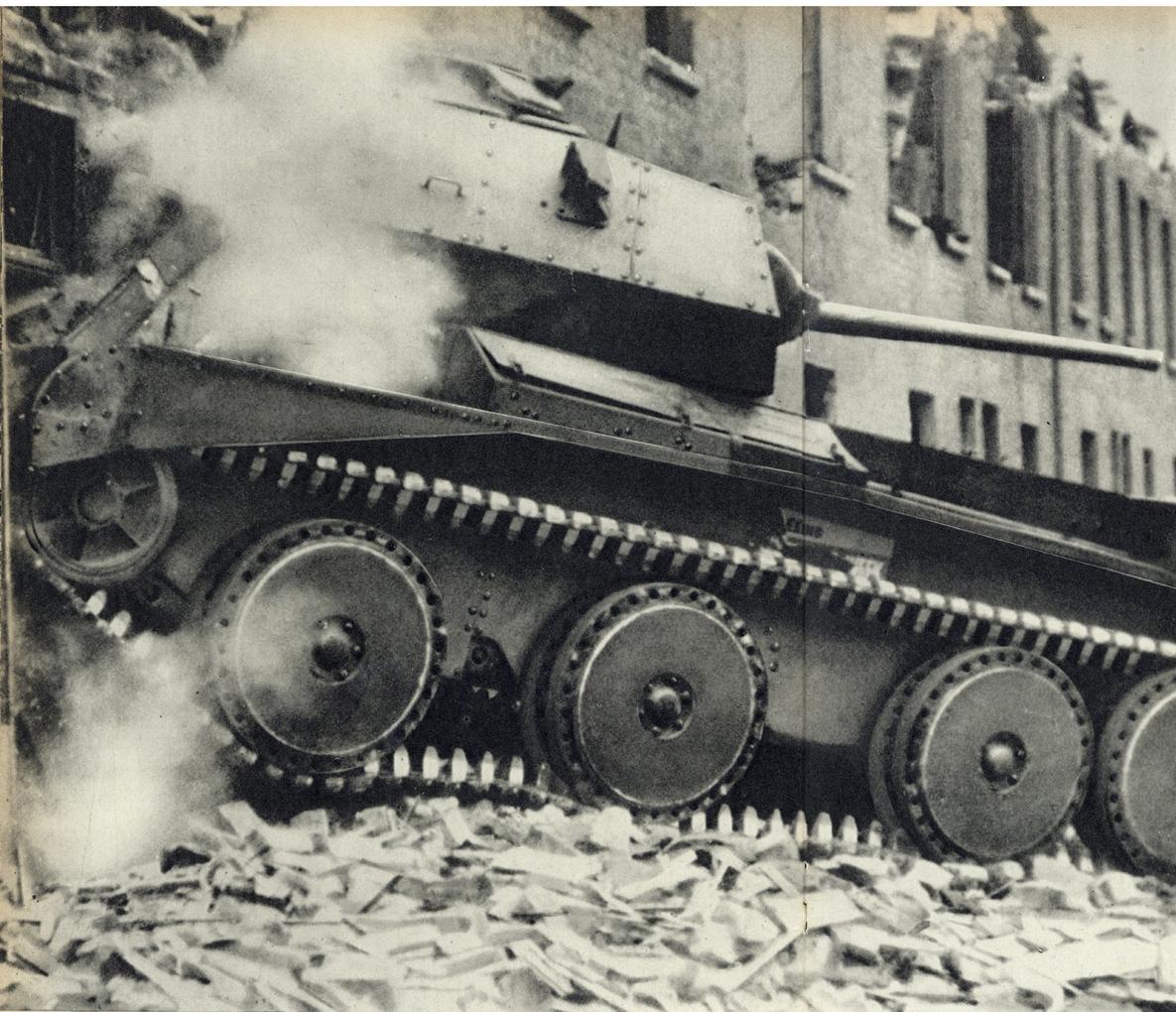
Imaginal, por momentos, as sensações deste jovem oficial na manhã seguinte.

Afinal, nada extraordinário se passou. O dia surgiu, lentamente. A coluna espanhola penetrou, como uma serpente, na floresta sem fim e nas ondas dum vasto panorama, húmido e cheio de sol. Andámos, aproximadamente, oito milhas. Eram nove horas, fizemos uma paragem para almoçar e para dormir a sesta.

A's duas horas, acabando a sesta, levantou-se o bivaque. Uma hora depois pusemo-nos de novo a caminho. Andámos quatro horas a uma média aproximada de duas milhas e meia por hora. Chegámos ao local, onde devíamos pernoitar ao crepúsculo. A coluna tinha andado dezoito ou desanove milhas mas os homens não se mostravam fatigados. Estes duros camponeses espanhóis, filhos da terra, calcuuriavam com energia aqueles caminhos mal traçados, transportando pesadas cargas. O descanso prolongado, no meio do dia, era para eles como um segundo sono.

Estou convencido de que os romanos escolhiam melhor do que nós o horário das suas ocupações. Em qualquer estação levantavam-se antes do nascer do sol. O pôr do sol convida à tristeza, a aurora provoca a esperança. O repouso e o sono, a meio do dia, restauram as forças melhor do que o sono nocturno. A natureza não nos criou para trabalharmos das oito da manhã à meia noite. Impomos ao organismo um esforço excessivo e imprudente. Quer se trate de negócios ou de prazeres, de esforço físico ou esforço mental, deveríamos sempre dividir o dia ao meio. Quando, durante a guerra, es-

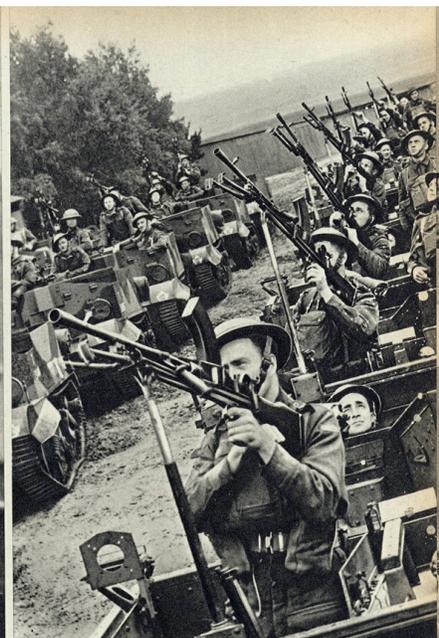
(Continua na pág. 29)



TANKS! CANHOES! MUNIÇÕES! Dia e noite a Inglaterra forja as suas armas na oficina mais gigantesca do mundo, que é o seu Império. A couraça, porém, domina tudo. Milhares de blindados são construídos rapidamente para a mecanização integral dos exércitos. Lord Beaverbrook, o homem que dotou a Inglaterra da sua formidável

cobertura aérea, tomou agora conta da produção de "tanks". Nos Estados Unidos estão sendo construídos mais de quinze mil desses terríveis engenhos que, incessantemente, num ritmo ininterrupto, afluem aos portos da Gran-Bretanha, das mais diversas tonelagens, muitos deles com motores de aviões. A Inglaterra e os Estados Unidos, as duas

maiores potências industriais do globo, vencem, em cada hora, batendo todos os "records". Estas massas de aço cobrem já toda a Gran-Bretanha. A nossa fotografia representa o "tank invencível, de grande tonelagem, cujo poder destruidor é tão implacável que só o seu volume arrasa uma casa de dois andares.



MAIS CARROS de combate! Uma formidável armadura de ferro e aço protege a Inglaterra



SE CAÍSSEM os paraquedistas em Inglaterra encontraríamos, entre outros engenhos, estes blindados ligeiros de extraordinária mobilidade e armados de metralhadoras "Bren", com "tripes", que lhe permitem fazer fogo em todas as direcções. Uma formação de carros tripulados por canadenses.



O Rossio com as suas sombrinhas, listradas de tons vivos, onde se vendem flores

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde

Fernando Santos

Lisboa não tem segredos para ele e adivinhamos-lhe o embaraço na resposta. A multiplicidade da vida artística de Fernando Santos, pintor de requintada sensibilidade, professor e escritor teatral consagrado, faz com que cada lugar se apresente aos seus olhos sempre de harmonia com a finalidade que o domina. Aqui, são figuras, fenómenos de rua, linguagem, hábitos, episódios que busca para as suas peças; ali, um recanto pitoresco, uma imagem, um sorriso para as suas telas. O pintor e o escritor nem sempre estão de acôrdo porque vivem, quasi sempre em mundos diferentes. O romantismo do primeiro volta as costas ao bom humor do segundo, especulador daqueles tipos caricaturais que fazem o êxito das suas revistas. E, agora, foi o revisteiro quem venceu, escolhendo o Rossio. Pois se a velha praça lá está, sempre, séria ou ridícula, calma ou brigona, a arrancar lágrimas ou gargalhadas às plateias que já não podem passar sem ela... Eis como se justifica:

O sítio de Lisboa de que eu gosto mais é, talvez, do Rossio. A Praça, apesar das mutilações que tem sofrido, ainda não perdeu a magestade, e é dos mais belos documentos pombalinos que Lisboa conserva. Mas o Rossio interessa-nos mais pela sua vida, pela sua cor, pela sua seiva, sempre renovada, que pela sua arquitectura.

Lembro-me ainda do Rossio da minha mocidade, do Rocio, com C, pacato, burguês, com o pavimento todo aos S. S. que tanta celeuma levantou quando foi retalhado, com os quiosques de capilé fresquinho e livros baratos, folhetos obscenos, as aventuras de Sherlock Holmes e de Raffles, volumes de propaganda anarquista, tudo isto de mistura com as cautelas de três, de seis e de doze; do Rossio sombreado de árvores, com bancos à volta, onde dormitavam galegos e provincianos confiados; do Rossio das tipoias, dos bailaricos populares entre padei-

ros e varinas, nas noites festivas de Santo António, S. João e S. Pedro.

Depois, veio o Rossio revolucionário, agressivo, barulhento, o Rossio das eleições, das bombas, dos conflitos com a polícia e guarda. Num minuto levantava-se um pé de vento. Um viva extemporâneo, uma opinião gritada em voz alta, era o rastilho que ateava o incêndio. A Brasileira era o poiso dos republicanos exaltados, o Martinho o refúgio dos conservadores, dos monárquicos constitucionais e integralistas. De vez em quando os dois cafés degladiavam-se. Trocavam-se vivas e morras, despejavam-se pistolas, quebravam-se vidros. A guarda intervinha e horas depois tudo voltava à normalidade. Estes conflitos raramente saíam do palco do Rossio. Estoiravam bombas na Praça, mas na Rua do Príncipe andava-se à vontade. Havia cargas de cavalaria e pranchadas em volta da estátua, junto aos lagos, por cima dos passeios, mas passeava-se tranqüilamente na Rua do Ouro e na Rua Augusta. Aquilo era lá para o Rossio, não tinha importância...

Recordo com saudade o Rossio boémio dos Clubes que lhe ficavam ali à ilharga, do Regaleira e do Palácio da Restauração, das roletas pataqueiras da Rua do Príncipe e por detraz do Teatro de D. Maria, cujo ambiente torvo e sombrio dava uma água-forte impressionante. Pouco a pouco a velha Praça foi-se modernizando. O movimento de 28 de maio acabou-lhe com os rompantes políticos, com o delírio revolucionário.

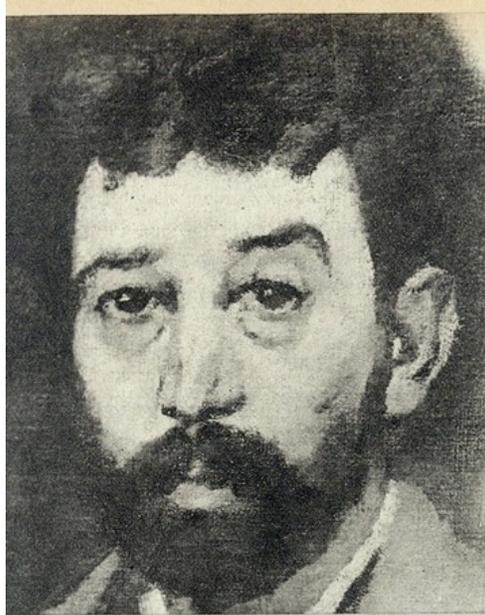
O Rossio de hoje, com os seus cafés modernos, o seu movimento intenso, a fila interminável dos automóveis, os estrangeiros pejando os passeios, mantém ainda o seu pitoresco e é, sem dúvida, o local mais movimentado, mais alegre, mais cosmopolita desta pacífica Lisboa de 1941, que Deus assim conserve por muitos anos e bons.



Rossio à tarde. Sombras que se cruzam



Uma nota de frescura e de doce beleza no asfalto cinzento da grande praça



SILVA PORTO



COLUMBANO, o autor do quadro



JOÃO VAZ

O FAMOSO QUADRO DO "LEÃO"



RAFAEL BORDALO



MOURA GIRÃO



ANTÓNIO RAMALHO



JOSÉ MALHOA



RODRIGUES VIEIRA



CIPRIANO MARTINS

O GRANDE ARSENAL CANADIANO

NA Europa, quasi se não conhece o Canadá, esse extensíssimo domínio britânico situado paredes meias com os Estados Unidos da América, onde se encontram inúmeras belezas novas, um vigor e uma força natural, que, a partir de 1939, constituíram uma assombrosa revelação para o Mundo inteiro. Os canadianos, enérgicos e trabalhadores, durante muitos anos dedicados, essencialmente, à agricultura, conseguiram fazer da sua terra fertilíssima, um dos maiores celeiros do Universo. Habitados à vida dura de camponeses — que nunca deixaram de ser — e a uma disciplina moral rígida, quando chegou a hora de se votarem à tarefa

patriótica de construir canhões, munições e aeronaves, souberam, rapidamente, transformá-la num dos mais produtivos arsenais com que a Inglaterra tem contado, e, ao mesmo tempo, adaptaram-se, com invulgar aptidão e uma valentia inconfundível e já absolutamente demonstrada em numerosíssimos lances, às inclemências da guerra.

Os canadianos, que, com prodigiosa actividade, se consagram, em épocas normais, a explorar, incansavelmente, as minas e as quedas de água, produtoras da electricidade, sem abandonarem a agricultura, sua principal riqueza, souberam construir duas grandiosas linhas férreas transamericanas, ladeadas de hotéis de primeira ordem, como não existem melhores em parte alguma; desenvolveram, em poucos anos, um comércio que, actualmente, movimenta milhões de libras, e, acompanhando, sem desfalecimentos, o progresso e a civilização, asseguraram-se duma notável prosperidade, que se traduz nas mais belas demonstrações de cultura, arte e conforto.

Foi a partir de 11 de Setembro de 1939 que o Canadá se dedicou afanosamente às indústrias de guerra, porque nessa data declarou a guerra aos países do «eixo», solidarizando-se por completo com a Inglaterra e outorgando-lhe, imediatamente, o auxilio dos seus navios, o exclusivo da sua produção intensificada de armas e munições, as suas reservas económicas e a cooperação de um corpo expedicionário à Europa.

Imposto, rapidamente, como a base e o entreposto do exército britânico, o Canadá enobrecer-se, de maneira singular com a absoluta e inabalável recusa de fazer especulação financeira com as vultosas e sempre apressadas encomendas, do valor de muitos mi-



Um tipico oficial canadiano comandante dum regimento de «ski»

lhões de libras, que lhe são feitas, numa sequência ilimitada, e às quais tem procurado satisfazer com uma solicitude que não tem par e que constitue uma das mais honrosas demonstrações de devoção patriótica que se têm registado na história da presente guerra.

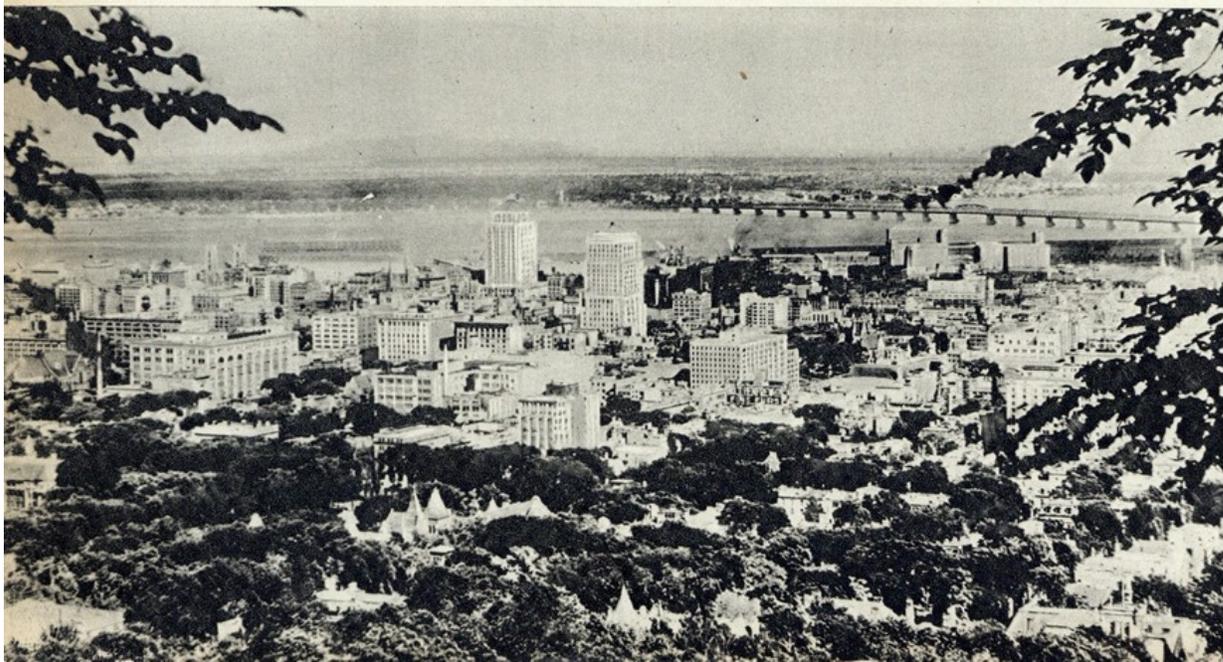
Trocando o arado pela forja e a foice pela espingarda, os canadianos, que já haviam estabelecido uma ponte de ligação entre os Estados Unidos e a Gran-Bretanha, antes de abolida a lei da neutralidade americana, fizeram, igualmente, do seu país a placa em torno da qual giram todos os dominios e todas as colónias britânicas, dando ao Império de que fazem parte um nobilíssimo exemplo de leal e patriótica colaboração efectiva, digna da maior consagração.

Com os infindáveis recursos de que o Canadá dispõe em homens, capacidade de produção e em cereais de toda a espécie, mórmente trigo, postos às ordens da Inglaterra, esta conta nele com um poderosíssimo colaborador, capaz de animar, brilhantemente, numa confortante manifestação de carinhosa assistência, todos quantos combatem, em terra, no mar e no ar, sob o pavilhão britânico, levando, também, às torturadas populações civis a certeza de que, do outro lado do Atlântico, residem alguns milhões de homens que cuidam, sem descanço, de proporcionar-lhes os meios necessários para se defenderem e minorarem as crueldades desta guerra, mais que nenhuma outra repleta de horrores.

S. SABOYA



A paisagem magestosa do Canadá, junto do Lago Luiza



MONTREAL, UMA DAS PRIMEIRAS CIDADES INDUSTRIAIS DO CANADÁ, QUE A GRAN-BRETANHA TEM FORNECIDO GRANDE NÚMERO DE AVIÕES, TAMBÉM TEM ARRANHA-CÉUS

OS INGLÊSES EM ÁFRICA



A guarnição de uma metralhadora fazendo fogo contra um avião, quando da conquista de Damasco. O indiano aponta bem pois tem no seu activo dois aviões inimigos



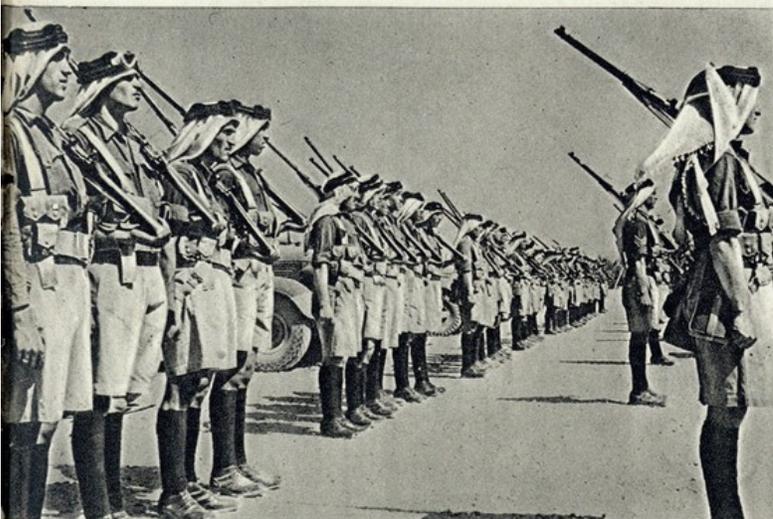
A célebre cavalaria sirassiana, do coronel francês Collet, herói da outra guerra, dezassete vezes ferido em campanha, que, sob o seu comando se juntou às forças dos franceses livres e que, neste momento toma parte na campanha da Síria



Tobruk, a cidade heroica, resiste há mais de três meses. À sua guarnição é composta de tropas mistas do exército Imperial britânico. Um belo tipo de soldado indiano



Um esquadrão motorizado das forças da Transjordânia, que combate agora na Síria, cujo poder ofensivo tem excedido toda a expectativa. Filhos do deserto, eles não têm medo nem do sol nem do fogo



Uma formação de forças da Transjordânia que fazem parte do Exército inglês que está conquistando a Síria. Belicosos e endurecidos pelo clima, estes árabes têm feito prodígios de valor tanto na Líbia como na Síria



A legião árabe da Transjordânia, comandada por oficiais ingleses, tomou parte activa na pacificação do Irak. Os soldados são dos mais famosos do mundo

FIGURAS E FÁCIOS



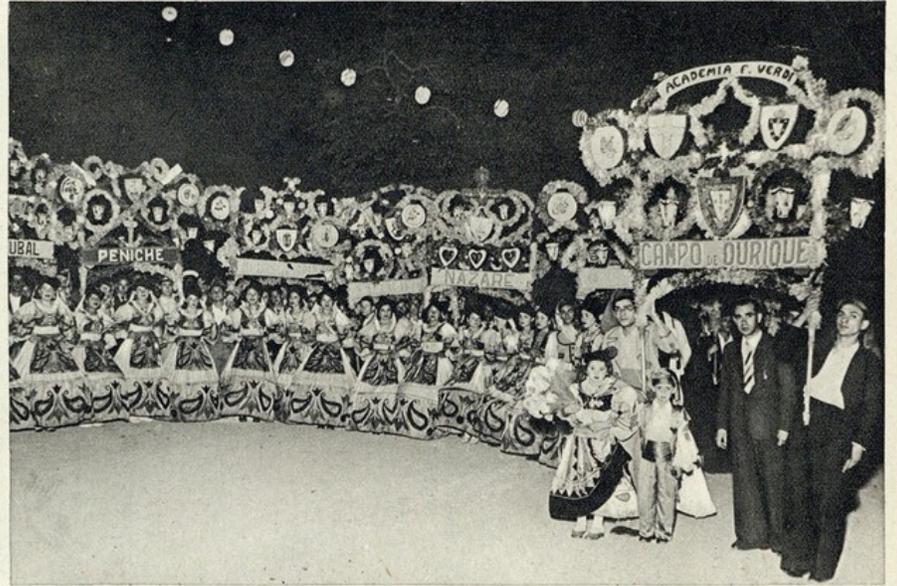
O sr. Presidente da República, acompanhado do sr. ministro da Educação, inaugura a Galeria do Grupo do «Leão», na S. B. N. A.



O festival desportivo da F. N. A. T. A bandeira da Pátria nas mãos da Mocidade.



O adido da Imprensa à embaixada inglesa, sr. Marcus Cheke, com os seus convidados à festa que ofereceu na sua residência.



A pitoresca marcha de campo de Ourique, com os seus trajos garridos e os seus balões multicores, foi saudar o sr. Marcus Cheke durante a festa, exibindo as melhores canções do seu repertório



Três pequenos artistas, alunos da professora sr.ª D. Etheline da Costa Valente, interpretando Chopin durante um recital no S. N. dos Músicos



Uma linda festa teatral promovida pelos alunos da St. Julians School, em Carcavelos, que obteve grande êxito. Estes actores de palmo e meio desempenharam com rigor os seus papéis



UM PAR FELIZ

QUANDO Henry Schurety, um dos mais jovens e garbosos fusileiros reais, que já se distinguiu em acções de guerra, se casou com a graciosa miss Stela Bennett, de 17

radiosas primaveras, em Aldwiche, condado de Sussex, o seu carro nupcial, em vez de ser um prosaico automóvel, foi êste blindado armado com metralhadores "Bren", que os esperava, à saída da igreja, coberto de flores. Um dos padrinhos é o condutor que, galantemente, os conduziu ao ninho da felicidade. A imagem, como vêem, ajusta-se integralmente ao clima de guerra.



Um exercício de defesa passiva em Londres. A população, tranqüilamente, dirige-se aos seus afazeres com máscaras contra gases. As bombas explodem de «verdade»



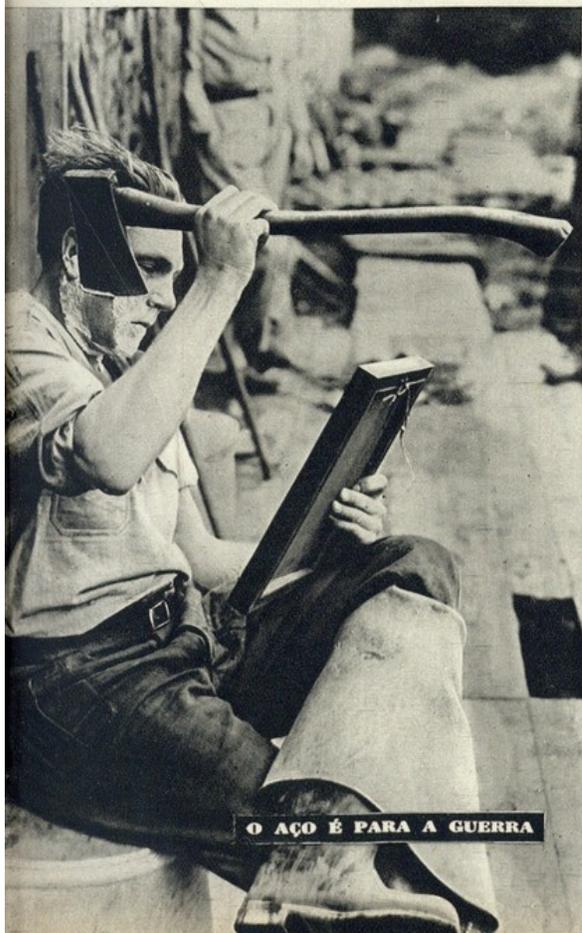
As mulheres inglesas constituem o segundo exército britânico. Eis um gentil «bombeiro»



LONDRES NÃO RECEIA OS GASES E NÃO DEIXA DE TRABALHAR



Apesar da guerra, Londres diverte-se. Num espectáculo patrocinado por Mrs. Waterson, esposa do Alto Comissário da União Sul Africana, a 1.700 voluntários da defesa da cidade, um deles beija uma das «black vanities» que tomaram parte na representação



O AÇO É PARA A GUERRA



OS VESTIDOS COMPRAM-SE COM COUPONS

Página Feminina

de AURORA JARDIM

O QUE SE USA

- Corpos bastante franzidos nos vestidos de *georgette*. Mangas com muita roda prèsa em punho. Saia com a largura tóda à frente.
- Nos estampados, aparecem muito as estrélas, as flôres meúdas e sempre as pintas.
- A *redingote* branca ou de côr clara é muito cintada e tem os ombros bem direltos. Para baixo, abre em *godets*.
- O cabelo corta-se muito, atrás, quási à *garçonne*. A' frente, mais comprido, para poder fazer o « caracois ».
- O bolero continua a usar-se. Em geral, é dum tom neutro e tem um cinto de côr viva.
- O lenço aragonês envolve a cabeça, caindo as pontas atrás. Por cima, põe-se o *canotier* ou a *cloche* irregular, de aba muito larga.
- Sob o vestido estampado, multicôr é engraçado vêr-se por uma abertura ou por um *drapé* que o torna mais curto dum lado, a saia de baixo, branca, com alto fólho plissado.
- Para a noite são elegantes os cingidos turbantes em tule grosso polvilhado de contas de porcelana ou de pérolas, com a charpa igual.
- No dedo mínimo usa-se o anel quadrado ou todo em ouro com *ex-libris* gravado ou com uma pedra de côr.
- Alguns chapéus para raparigas, levantados em resplendor, têm muitas flores semeadas pela parte inferior.
- Luvas curiosas são as que apresentam as costas da mão tódas em buraquinhos que podem ser caseados ou não.
- Nos vestidos de praia, o decote é quadrado. Nos que são abertos, de cima a baixo, entrevê-se o *short*.
- Já se vêem algumas capas. Vão triunfar no próximo outono com saia igual e corpo na mesma fazenda mas em diferente.
- Os chapéus são cada vez mais plenos de fantasia e encanto; copa minúscula, abundância de flores, alguns pássaros, variedade de frutos, esvoaçar de fitas e espuma de tule.

Sabe como é?

— Quando recebe uma carta, fica com ela na mão, fazendo-a girar em todos os sentidos, antes de se resolver a abri-la? Isso prova que é indecisa ou que adora o mistério.

Cuidado com os homens que lhe parecem estranhos ou interessantes.

— Sente que, à menor pergunta que lhe façam, vai corar? E' tímida, hesitante, nunca soube o que foi ter força de vontade e domínio dos nervos.

Faça exercícos de auto-sugestão, tome sedoflorine, pratique desporto e ar livre.

Fuja dos homens «quero, posso e mando»— conserve sempre a sua personalidade e desenvolva-a.

— Não pode estar quieta. Abre e fecha a saca, brinca com o lenço, não larga um pedaço de papel que amarrota, rasga, converte em bola e torna a rasgar.

Isso prova que é irritável, instável e volúvel.

Muitos calmantes e natação. Cuidado com o homem neurastênico ou mesmo muito nervoso. Evitar choques.

— Na rua, não põe os pés nas riscas, não passa por baixo duma escada; mesmo que seja feliz, tem sempre qualquer coisa a roer lá dentro.

E' mórbidamente supersticiosa.

Cuidado! Não ponha o chapéu em cima da cama... porque pode vir o seu marido e sentar-se em cima.

Pensamentos alheios

Não te envaideças de ser amado por uma mulher egoísta.

Pitágoras

Conserva-se a paz do coração, desprezando tudo quanto a possa perturbar.

J. J. Rousseau

Pela sua conduta para com as mulheres, os homens dão-lhes todos os defeitos que lhes censuram.

Desnoyers

A mulher, mesmo a menos inteligente, se não está apaixonada, tem sempre mais espirito do que o homem que a ama.

Stahl

Receitas de Beleza

Loção para as pálpebras

Ictiol	30 grs.
Agua destilada	10 »
Tintura de quilaia	2 »

Para emulsionar. Algumas gótas em água quente.

Para fazer renascer os cílios

Óleo de ricino	10 grs.
Rum	15 »
Amoniac	1 »

Passar durante oito dias e depois, dia sim, dia não, durante duas semanas.

Creme para as peles gordurosas

Sulfato de zinco	3 grs.
Tintura de benjoim	8 »
Tintura de alfazema	5 »
Agua de rosas	30 »

Para inalações

Eucaliptol	1 gr.
Mentol	1 »
Tintura de benjoim	0,25 gr.
Tintura de canela	0,30 »
Essência de flôres de laranja	2 gótas

1 colher das de sopa por inalação.



RUGBY

O Rugby é uma forma diferente do futebol associação. Melhor dizendo: nasceu duma dissidência do futebol, operada pelos estudantes das escolas inglesas da cidade de Rugby. O conflito não era mais do que a luta de duas concepções do jogo: a dos estudantes de Cambridge, partidários do *dribbling game* — depois designado Foot-ball Association — e a dos estudantes de Rugby, que preferiam a forma do *Lurking at goales* — que veio a ser conhecido sob a designação de Foot-ball Rugby ou, mais tarde, apenas Rugby. E o conflito traduzia-se essencialmente pelo processo de conduzir a bola. Enquanto as academias de Cambridge pretendiam que este desporto mantivesse as características dum jogo de luta a pontapé, violento e tão brutal que chegou a impor a sua proibição; os estudantes de Rugby pretendiam que se desse ao jogo uma feição me-



Uma fase animada de um encontro de «rugby» em Inglaterra

nos contundente e, por isso, que pudesse conduzir-se a bola com as mãos em vez de ser impelida a pontapé.

Em 1855, em Cambridge, jogava-se apenas o *dribbling game*, já referido, e em 1857 fundaram-se em Sheffield os dois primeiros clubes de foot-ball association, o Sheffield Club e o Hallan Club, mas, no imediato, em réplica, os estudantes de Rugby e da escola de Black Leath fundaram um club que ficou célebre e no qual apenas se jogava o foot-ball rugby: o Black Leath Club; e, no ano imediato, fundou-se o Richmond, que havia de ser, depois, o maior rival daquele.

Em 1863, formaram-se dois comités, um, em Londres e o outro em Cambridge, para estudar as regras do futebol e, nessa altura, os dois ramos separaram-se decisiva e definitivamente. Londres, tomou o partido de Rugby e Cambridge foi pelo *dribbling game*.

Tentou-se ainda uma conciliação, por mutua transigência: ser permitido correr com a bola nas mãos apenas nos casos da bola apanhada no ar ou depois do seu ressalto no terreno. Nada foi possível. A maioria dos partidários dos clubes de Londres votaram com Cambridge e os partidários de Rugby retiraram-se do Congresso e a cisão foi definitiva.

Dai nasceram The Football Association, que dirige o futebol na Inglaterra, e The Rugby Football Union, e esta última eliminou do jogo tudo que podia ser perigoso ou brutal...

Estabelecida a delimitação, cada ramo tomou aspectos distintos. O Rugby, de início, tomou maior vulto e no fim do século passado havia filiados na Rugby Union 70.000 jogadores.

Presentemente, o rugby não se assemelha, quasi nada, ao jogo primitivo. No seu início, o número de jogadores era muito elevado, 20 a 30 de cada lado, e o terreno era muito extenso, pouco regular, utilizando-se os prados existentes. A própria disposição dos jogadores era diferente e foi objecto de profundas modificações.

Presentemente, o rugby joga-se em terrenos relvados — excépto em Portugal — com as dimensões de 144 metros, sendo de 100 metros de balisa a balisa e 70 metros de largo e é praticado por 15 jogadores de cada lado. Para além de cada linha de balisa, onde estão implantados os postes há ainda uma superfície de 22 metros, onde se desenha todo o drama do jogo. Chama-se a «área da bola morta».

O jogo consiste em fazer passar a bola por cima da barra transversal do goal adversário e, desse modo, marca-se um ponto. O goal pode ser obtido de dois modos: primeiro, depois dum ensaio, isto é de ter-se conseguido tocar com a bola sobre a linha de balisa ou na área da bola morta do campo do adversário, coloca-se a bola em frente da balisa e, com um pontapé, tenta-se fazer passar a bola entre os dois postes e por cima da barra transversal; e, segundo, fazendo passar a bola pelo mesmo local, mas directamente com um pontapé.

No rugby, o modo de propulsão difere do futebol. Neste, não pode jogar-se com as mãos; no rugby joga-se também com as mãos, mas a bola não pode ser arremessada para a frente. O rugby é jogado com uma bola oval, o que muito dificulta o trabalho dos jogadores e origina as mais divertidas peripécias, sempre que a bola bate no terreno e os jogadores procuram alcançá-la.

Em Inglaterra, este jogo tem uma expansão quasi igualada pelo futebol. Em Portugal, porém, há falta de terrenos de relva, a sua prática está limitada a um escasso número de equipas, o que é de lamentar porque o rugby é um magnifico desporto, tão apaixonante como o futebol.

Em Inglaterra, este jogo tem uma expansão quasi igualada pelo futebol. Em Portugal, porém, há falta de terrenos de relva, a sua prática está limitada a um escasso número de equipas, o que é de lamentar porque o rugby é um magnifico desporto, tão apaixonante como o futebol.

Em Inglaterra, este jogo tem uma expansão quasi igualada pelo futebol. Em Portugal, porém, há falta de terrenos de relva, a sua prática está limitada a um escasso número de equipas, o que é de lamentar porque o rugby é um magnifico desporto, tão apaixonante como o futebol.

F. G.

5 VANTAGENS DO PAPEL DE FUMAR ARROZ "Smoking"

- 1 Oferece garantia máxima de higiene por ser a mortalha fabricada inteiramente por meio de processos mecânicos.
- 2 Resistência e elasticidade do papel suficientes para evitar que se rasgue ao fazer o cigarro.
- 3 É inofensivo e não irrita a garganta, porque não contem substâncias químicas nocivas.
- 4 Sua combustão se bem que lenta, impede que o cigarro se apague logo que se deixa de fumar.
- 5 Seu bom sabor e aroma.

Agencia LISBOA: Adelino Ferreira Guimarães — Rua dos Douradores, 29, 3.^o
 Agencia PORTO: Gil Osmandino da Costa — Rua de Santa Catarina, 461, 1.^o

MULHERES TRISTES

NOVELA DE GUEDES DE AMORIM

MARIANA estava para sair, quando lhe entrou em casa a Germana, a gritar:

— Chegou a minha vez! Chegou a minha vez!

Embora compreendesse logo o que a outra queria dizer, a viúva ainda perguntou a mãe:

— Foste despedida também?

— Fui! Só hoje, tivemos onze a mesma sorte.

Ouvindo a Germana lançar imprecações, vomitar pragas e insultos terríveis, Mariana lastimou-a:

— Mas, és que dizem? Tu bem sabes: por contrato, devem garantir-nos sempre o sustento, a habitação, o auxílio...

Germana explodiu de novo: — Balelas! Tu ainda és do bom tempo! No escritório, disseram-me que as fábricas dão agora menos quarenta por cento de rendimento. Enchem os cofres, já não precisamos de nós — claro! — desprezamos-nos.

Transtornada, despenteada, esbracejou e disse que aquilo não ficaria assim. Ela era uma mulher de colada. Tinha brio, dignidade e, por isso, saberia

vingar-se. Por fim, encarou a colega, para deitar:

— Começaram por mim e outras, as mais velhas, mas não tarda em que o diabo bata, também, à tua porta.

Ainda que aparentemente calma, Mariana ficou, lá por dentro, estarecida.

Nesse momento, abrindo a porta do quarto interior, apareceu uma garotita, pirralha da altura de um dedo, com um vestido de castorina aos quadrados, e um laço negro no cabelo loiro. Era a filhinha de Mariana. Agarrou-se às saias da mãe, a dizer:

— Mãe... Pronto. Vamos...

Mariana, como a outra lhe perguntasse se ia sair, declarou:

— Vou ao cemitério...

Então, no seu pessimismo crescente, Germana comentou:

— Hum! Viagem, visitar à terra da verdade. O meu homem e os meus filhos já lá estão! E a tua...

Fechou a boca, arrependida do mais que ia proferir.

Josefina, a costureira, apareceu à porta por onde havia surgido a pequena. Como tivesse ouvido as duas mulhe-

res, lastimou, também a Germana:

— Tem paciência. Nada ganhas em gastar palavras...

— Palavras!? Mas não me resta nada mais...

E Germana abalou porta fora, levando consigo a sua tragédia.

Josefina puxou a Julinha e disse:

— Vamos, vamos lá...

Esse era o sétimo Domingo em que as três iam à pequena necrópole visitar a campa de Mateus.

De si para consigo, Mariana pensou que a tarde ameaçava chuva. Seria aborrecido, aborrecidíssimo se isso viesse a suceder.

Entraram, adiante, na estrada que levava ao cemitério. As raras, esqueléticas árvores que se viam dum e doutro lado tremiam, castigadas pelo vento rijo que, de quando em quando, passava. Mariana olhou para as mãos de Josefina, e, no coração sentiu uma picada de sofrimento. Ela não levava flores para o morto...

No domingo anterior, já havia sucedido a mesma coisa... Por descuido, por culpa sua? Sabia perfeitamente que não. A dedicada amizade que Josefina votava à memória de Mateus era branca, límpida, sem sombras nem intenções reservadas. Fora ela própria, até, quem lhe lembrara aquelas romagens...

Aparecia todos os domingos, logo depois do meio-dia, auxiliava-a no arranjo da casa e empenhava-se em ser ela mesma a vestir a Julinha, com muitos cuidados, muitos carinhos. Porém, havia deixado de trazer flores... Estava-se já no inverno e, por ali perto, não as havia, realmente. Nos primeiros domingos, o sr. Madureira, um dos directores das fábricas, que morava próximo, num palacete cercado por um bonito jardim, ainda lhe dera uns raminhos. Depois, recusara-se repetir a dívida. Tivera mesmo este comentário: «As minhas flores são para vivos, não para mortos».

No cemitério, aqui e ali, um pouco por toda a parte, à beira dos túmulos, viam-se homens e mulheres vestidos de preto.

Mariana e Josefina ajoelharam junto da campa razeira de Mateus. A pequenita ficou entre as duas mulheres. Depois, Josefina tirou de baixo do chaile um embrulho, abriu-o — e surgiram três flores de papel: duas vermelhas e uma branca. Deu-as à amiga para as colocar sobre o túmulo. A mãe da pequenita ficou enternecidíssima: flores para o seu morto...

As orações das mulheres prolongaram-se por mais de meia hora. A tarde descia, descia num manto de violeta triste. Julinha levantou-se e, inconsciente, foi brincar entre as outras sepulturas. Seguindo-a com a vista, Mariana con-

siderou, desoladamente, que o campo dos vencidos estava cada vez maior. Antigamente, mais ou menos vinte anos atrás, aquela necrópole — ela lembrava-se perfeitamente — era muito pequena, como muito pequenos são os cemitérios das aldeias. Ervedelo, a povoação, ficava então lá baixo, no fundo, onde agora se via o bairro operário. Nesse tempo, o Mateus era um rapazote. Ela, Mariana, como a Josefina e outras, eram ainda raparigas, também. Como todos trabalhavam no campo e no monte. Havia vinte anos... Um dia, vieram uns senhores, vestidos à moda da cidade, compraram terras, aproveitaram as quedas de água e logo se puseram a construir as fábricas. Depois tudo mudou. Homens e mulheres trocaram a lida rústica pelas máquinas e teares.

Mariana baixou os olhos, uma vez mais, para a terra que cobria o corpo do seu homem. A outra, a seu lado, murmurava orações. Que triste destino o seu! Recordou-se dos protestos da Germana, das operárias que iam despedindo... Voltou a rezar fervorosamente não só por alma do marido, mas também pela sua própria vida, pedindo a protecção de Deus para a sua filhinha.

Por fim, levantaram-se. Julinha veio a correr para junto da mãe. Silenciosas, iniciaram o regresso. Segundos depois, Mariana disse:

— Obrigada, Josefina...

Olharam-se. Havia lágrimas nos olhos de uma e de outra. Mariana acrescentou:

— As tuas flores eram bonitas...

Josefina ouviu melancolicamente e confessou:

— Fí-las, a noite passada, com o papel que tinha em casa...

Mariana compreendeu. Pobre e bonita vingança... Josefina, cujas mãos hábeis de costureira faziam maravilhas, haviam substituído, com flores artificiais, as flores naturais que o sr. Madureira lhe tinha negado. Abraçou a amiga, levantou-lhe as mãos e, reconhecida, beijou-lhas.

A noite começava a acentuar-se. Lá em baixo, o sector das fábricas era já todo um borrão negro. Para o lado de cima, e não muito longe do bairro operário, apenas alvejavam o hospital e a creche. A luz moribunda e religiosa dessa hora era cada vez mais penetrante de amargura.

Quando chegaram, Josefina beijou a pequena e despediu-se:

— Vou tratar da minha ceia. Até amanhã.

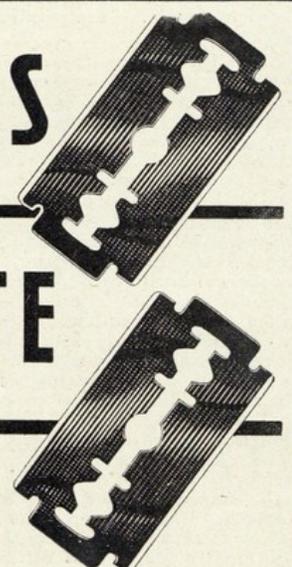
— Obrigada. Até amanhã.

Mariana entrou em casa com a filha. Têve medo, sem saber porquê, da escuridão que a rodeava. E, então, pela primeira vez, invejou a sorte de Josefina que vivia triste, mas solteira...

LAMINAS

GILLETTE

AZUIS



● O SEGREDO DAS BARBAS PERFEITAS! As Lâminas Gillette são as mais finas até hoje fabricadas — para barbear bem e suavemente — para grande eficiência e economia. O fio, afiadíssimo, das Gillettes Azuis, faz muíttimas barbas.



5
6825
10
12851

75, R da Conceição, 1.º — LISBOA

CRÓNICA ALEGRE

O terror dos Leões

Nós, os amigos do Saraiva, estávamos mesmo a ver que tudo quanto ele contava era redondamente mentira e se ele tivesse morto todos os animais que disse, Africa seria um imenso deserto, pois alguma fera que tivesse sobejado certamente teria fugido a nado para a India para não cair nas garras do Saraiva.

Pois o nosso caçador assim que chegou ao café desatou logo a contar-nos mais duma das suas aventuras.

— Esta foi no planalto de Benguela, mesmo à esquina de Humpata, do lado esquerdo indo de Luanda, bradou ele. E sem esperar mais nada continuou:

— Era ainda de manhã e eu fui dar uma volta a pé pelo planalto todo, passeio que eu fazia todos os dias para me abrir o apetite. Não tinha levado a espingarda quando, de repente, surge na minha frente um dos poucos leões que ainda não tinha morto. O leão parou a uns cinco metros, mediu-me bem, lambou-se todo e preparou o salto. Com a minha velha prática assim que vi o leão vir no ar baixei-me e o bicho passou por cima de mim e foi parar ao outro lado. Quando me levantei, porém, não vi o leão. Tinha desaparecido. Por curiosidade,

seguí-lhe o rasto e que julgam vocês que eu vi, quando o encontrei?

Nós não respondemos e o Saraiva, após um silêncio, para preparar o efeito final, concluiu:

— O leão estava atrás dum monte de pedras a fazer sabem o quê? Pois só isto: Estava a treinar-se a dar saltos pequeninos. Eu então...

— Fugiste, dissémos todos, na esperança de que ao menos aquele leão tivesse escapado.

— Qual — retorquiu o Saraiva — Eu corri de facto para casa mas foi para ir buscar a espingarda, a minha infalível arma, à qual nenhuma fera resiste pois nunca falhei um tiro. Voltei ao local e o leão lá estava ainda aos pulinhos. Meti a arma a cara e...

Nesta altura eu já não me cative e gritei-lhe:

— O Saraiva! Olha que tu dás o tiro, mas se matas também esse leão parto-te a cara.

O meu ar devia ser terrível porque o Saraiva fitou-me e fez-se livido. Mas, recobrando o ânimo resolveu rematar a história e disse:

— Meti a arma à cara e desfechei. Mas não sei como foi aquilo, porque errei a pontaria e não matei o leão.

Marçal Saldanha

A vida de Churchill

(Conclusão da pág. 15)

tive no Almirantado verifiquei que podia trabalhar mais duas horas por dia bastando-me, para isso, repousar uma, em seguida ao almoço. Os latinos eram mais naturais e mais hábeis na sua maneira de viver do que os anglo-saxões ou os germânicos. É certo que têm, em relação a nós, a vantagem de possuir um clima melhor.

Seguindo este método, andámos alguns dias através uma região magnífica, sem ver e sem sentir qualquer indicio de guerra. Pelo caminho estreitámos relações com os nossos companheiros espanhóis. Falando um francês execrável conseguimos fazer idéias dos seus objectivos. O chefe do estado maior, tenente-coronel Brezo, fez uma vez na nossa frente alusão à guerra que estavam fazendo para defender a integridade da sua pátria. Fiquei espantado com esta declaração. Não compreendera ainda, devido às deficiências da minha educação, que os outros países, pelo que dizia respeito às suas possessões, tinham os mesmos sentimentos que nós animavam, a nós ingleses, em relação às nossas.

O seu sentimento, pelo que dizia respeito a Cuba, era, sem dúvida, o mesmo que o nosso em relação à Irlanda. Isto causou-me uma profunda impressão. Pensava que os estrangeiros precisavam ter topêta para ter os mesmos sentimentos e empregar as mesmas frases que nós, ingleses, empregávamos quando falávamos do nosso país e das suas colónias. Inclinei-me perante o facto e procurei nunca mais o esquecer. Até aquela altura simpatisara com os rebeldes, ou, pelo menos, com a rebelião, mas depois comeci a compreender como os espanhóis se sentiam infelizes com a idéa de perderem a Pérola das Antilhas e tive pena deles.

Naquela altura já custava a compreender como eles poderiam ganhar. Imaginai, o custo por hora duma coluna de cêrca de quatro mil homens andando à volta duma floresta húmida e sem fim. Havia aproximadamente uma dúzia dessas colunas e ainda outras mais pequenas que marchavam constantemente. Ao todo, havia duzentos mil homens espalhados pelos postos e guarnições, pelos abrigos e pelas linhas de caminhos de ferro. Sabíamos que a Espanha não era rica. Sabíamos também quantos esforços e quantos sacrificios tinha de fazer para manter quasi um quarto de milhão de homens do outro lado do mar. Era um grande peso que o seu braço estendido suportava. Quanto ao inimigo nada tínhamos ainda visto nem ouvido.

Os espanhóis tinham de lutar contra um inimigo invisível e avançavam, todos os dias, através um mundo hostil e impalpável, vítimas de terríveis ataques que surgiam de todos os lados.



Acuda ao seu cabelo enquanto é tempo

Não é quando o cabelo já caiu de todo e as raízes morreram, que qualquer remédio pode fazer milagres.

E' quando surge algum dos primeiros sintomas da existência duma causa oculta da queda do cabelo, que se deve atacar o mal.

Ao pentear-se o pente vem cheio de cabelos. A gola dos seus casacos ou vestidos está com frequência cheia de caspa.

Não é preciso mais. Qualquer micróbio está atacando o bolbo piloso e produzindo fermentações prejudiciais à vida do cabelo, ou os canais por onde as raízes se alimentam estão obstruídos por poeiras ou gorduras. Alguma destas causas está minando as glândulas do crescimento do cabelo e é preciso actuar sem demora.

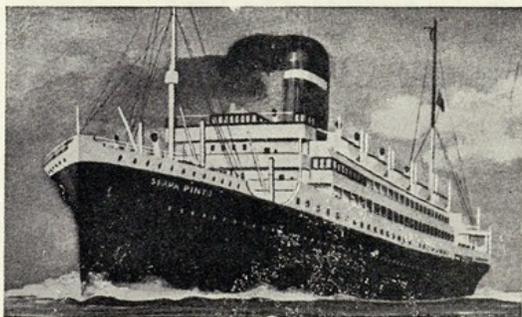
O combate deve ser fulminante. Não procurar experimentar remédios aprendidos ou ouvidos.

E' aplicar imediatamente — porque quasi imediato é o resultado — o **Petróleo Químico Nally**, que há muitos anos já, médicos, professores, farmacêuticos e principalmente os milhares de pessoas que o usam podem informar da sua constituição e maravilhosos efeitos.

O **Petróleo Químico Nally** contém na sua fórmula todos os elementos para combater as diferentes causas da queda do cabelo e ainda outros elementos que podem restabelecer o vigor às raízes. Faz desaparecer a caspa rapidamente e torna o cabelo sedoso e domável. Uma fricção diária é a melhor garantia da conservação dum bom e farto cabelo.

Tratado e defendido pelo **Petróleo Químico Nally** largos anos resistirá à idade, aparentando 10 a 20 anos menos do que aqueles que realmente tem.

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

PAQUETES

«Serpa Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Pungue»	6.290 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

O GENERAL DE GAULLE COMBATENTE DE SEMPRE

por DENNIS SCANLAN



O general De Gaulle *

Carlos André José Maria De Gaulle nasceu na cidade de Lille em 23 de Novembro de 1890.

Tinha três irmãos e uma irmã e diz-se que se guerream continuamente uns aos outros! Não deixa de ser curioso saber que, embora tivesse fama de perfeito demônio, os criados da família tinham verdadeira adoração pelo pequeno Carlos, não obstante os manter em contínuo sobressalto pelos seus gracejos e partidas.

As crianças da família De Gaulle tinham uma enorme colecção de soldadinhos de chumbo e Carlos teimava em ser êle sempre o comandante do Exército Francês. Ganhava, é claro, todos os combates.

Brilhante nas aulas fez exame de admissão a Saint Cir com menos um ano do que a idade requerida. Teve de esperar para poder seguir os cursos da Escola de Guerra Francesa.

Numa exposição de arte, em Paris, foi apresentado a sua esposa (nascida Yvonne Vendroux) e após o terceiro encontro pedia a mão dela a seu pai, segundo as formas tradicionais e correctas.

Tão modesta e socegada que custa a crer como encontrou ela própria e seus filhos o último transporte britânico que partia de Brest. Sentia em seu espirito que o marido, então em Londres, nunca poderia aceitar o armistício.

Decidiu partir para um país estranho, sem outras bagagens que não fôsse a mala de mão, ao saber que encontraria ali o marido. Trouxe com ela os três filhos, Filipe, de 19 anos, Isabel, de 17, e Ana, de 13, depois de os ter conduzido até o cais de Brest num pequeno automóvel.

Quando o general De Gaulle se encontra em Londres a família ocupa uns modestos aposentos em Mayfar. Na ausência dêle, a esposa vai para o campo com sua filha mais nova.

Filipe, o retrato de seu pai, cursa a Escola Naval da França Livre, afim-de ser oficial de marinha; Isabel está num colégio como interna.

De Gaulle tomou parte na última guerra no posto de tenente. Foi ferido quando conduzia os seus homens num contra-ataque contra a cidade de Dinant. Ganhou a Legião de Honra e foi promovido a capitão, com 24 anos. Após ter sido mencionado na ordem do dia 5 vezes foi ferido pela terceira, no Forte Douamont e levantado do campo de batalha pelos alemães foi por eles feito prisioneiro.

Cinco vezes tentou fugir, uma das quais descendo pela parede de uma fortaleza medieval com 30 metros de altura. Teve 15 dias de liberdade antes de ser recapturado numa cabana, onde se aquecia a algumas brasas após duas semanas de vida a monte, alimentando-se com bocados de chocolate.

Outra vez, foi levado pelos guardas alemães para fora do campo de concentração num grande cesto de roupa. Tais esforços para fugir valeram-lhe duas semanas de prisão no segredo e na escuridão.

Não conseguiu fugir para França, mas não desistiu das suas tentativas. O único resultado foi aumentar mais e mais a vigilância e cada vez se lhe tornar mais severa a prisão.

Acabada a guerra e de volta a França, combateu na Polónia e lá ganhou duas condecorações polacas.

Foi depois professor da Escola Militar de Saint Cir e passou para o Estado Maior Francês.

Ao rebeatar a presente guerra comandava um regimento de tanques e criara fama como perito de carros de combate pelo seu livro famoso sobre a arte da guerra mecanizada, *Vers l'Armée de Metier*, publicado em 1934.

O general De Gaulle era pouco conhecido pelo público francês antes do armistício, embora a sua reputação tivesse subido muito alto nos círculos militares. Impusera-se deliberadamente o alheamento da vida e intrigas políticas.

Veio para o primeiro plano em Maio e Junho de 1940 ao organizar, com os seus tanques, alguns dos contra-ataques bem sucedidos contra os ale-

mães, o primeiro em Laon e o segundo em Aubeville.

Estas duas batalhas, embora de limitada extensão, poderiam ter prolongado a resistência francesa, se os generais camaradas de De Gaulle lhe tivessem dado o auxilio por êle pedido e tivessem ocupado as posições que êle tomara com os tanques.

Tem-se mostrado um orador improvisado. Fala clara e correctamente acumulando os factos, pois embora escreva sempre os discursos não foi procurar referências eruditas.

Aprecia muito o deslocamento por meio do avião, mas tam somente como meio de poupar tempo. Não é piloto e não costuma guiar o seu carro, preferindo sempre o motorista. Todavia, a sua família é quasi tôda de engenheiros. De três irmãos, dois são engenheiros e o terceiro é oficial de artilharia. A sua única irmã é casada com um engenheiro.

Os seus homens e estado maior respeitam-no não só como chefe dos franceses Livres e pela sua sagacidade, mas também pela sua absoluta honestidade.

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez

Vinhos do Porto

Tio Pepe

Amorosa

A. B.

Nectar

Solera 1847

Jerez

3 Copas

Soberano

Insuperable

**Aguardentes
Jerezanas**

Superior Tawny

Special Tawny

Port in Sight

«54 Port.»

Vinhos do Porto

Depositários:

GARLAND, LAIDLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)

VIAJE EM PORTUGAL NOS COMBÓIOS DA C. P.

INFORMAÇÕES

EM TODAS AS ESTAÇÕES

EM LISBOA: — NO SERVIÇO DO TRÁFEGO — TELEF. 2 4031
NO PORTO: — NA ESTACÃO DE S. BENTO — TELEF. 1 272